

Universidade de Lisboa



Faculdade de Ciências

Faculdade de Letras

Faculdade de Medicina

Faculdade de Psicologia

**Paradigma ITB na avaliação da discriminação de
jovens contra idosos e influência da entoação na
discriminação**

Sara Sofia Isidoro Catarino
Dissertação de Mestrado

Mestrado em Ciência Cognitiva

2017

Universidade de Lisboa



Faculdade de Ciências

Faculdade de Letras

Faculdade de Medicina

Faculdade de Psicologia

**Paradigma ITB na avaliação da discriminação de
jovens contra idosos e influência da entoação na
discriminação**

Sara Sofia Isidoro Catarino

Dissertação orientada pelo Professor Doutor Rui Costa Lopes e coorientada pela
professora Doutora Maria Armanda Costa

Mestrado em Ciência Cognitiva

2017

*À minha avó,
por tudo.*

Agradecimentos

A realização deste trabalho apenas foi possível devido a todas as pessoas que me acompanharam ao longo do seu desenvolvimento, deixo uma palavra de agradecimento a cada um dos que contribuiu para a realização deste meu objetivo.

Ao meu orientador, professor Rui Costa Lopes, e à minha coorientadora, professora Armanda Costa, tenho a agradecer por me terem “acolhido” nas respetivas áreas de especialidade e por me terem encaminhado no sentido de adquirir sempre mais conhecimento. Ao professor Rui Costa Lopes, tenho a agradecer a paciência e o acompanhamento ao longo destes meses, também tenho de agradecer o facto de me motivar sempre a continuar, mesmo nos momentos em que eu senti mais desalento. À professora Armanda Costa, tenho a agradecer a compreensão, a paciência, toda a motivação que deu para melhorar sempre e toda a ajuda que me deu ao facultar-me as salas para os testes e por me ajudar no recrutamento dos participantes.

À professora Ana Sebastião, por me ter ajudado a encontrar o rumo e por me “apresentar” o professor Jorge Vala.

Ao professor Jorge Vala, por todo o acompanhamento e conselho que me deu durante o desenho dos estudos e dos pré-testes.

Ao professor Cícero Pereira, por toda a ajuda que me deu tanto para a análise dos dados como para a discussão dos mesmos.

À professora Ana Pinheiro, por todas as ideias que foi partilhando comigo e por todo o interesse que sempre demonstrou no tema.

À professora Isabel Falé, por toda a ajuda que me deu nas gravações dos sons.

Ao Gonçalo Fernandes, que tão rapidamente se disponibilizou a “dar voz” a todos os termos que utilizámos.

A todos os idosos com quem trabalhei antes do mestrado, por me darem motivação para aprender mais e por me acompanharem também durante esta fase, ainda que à distância.

À Andreia Vieira, à Inês Casqueiro e à Franziska Stanke, primeiro colegas de mestrado e depois amigas, que partilharam comigo frustrações várias ao longo da elaboração das nossas teses.

À Daniela Baião, que, embora à distância, acompanhou todo este processo deste o início e, não poucas vezes, me incentivou a continuar.

Aos meus pais que, apesar de todas as reticências iniciais, nunca me deixaram desistir e me ajudaram em tudo o que estava ao seu alcance.

À Ivone, ao Fernando e à Andreia, sempre preocupados e sempre com uma palavra carinhosa e de motivação.

Por fim, ao Rafael, que esteve comigo ao longo do caminho todo, que acompanhou todos os dias em que encontrei obstáculos, que me esteve comigo a celebrar todos os avanços, que me ouviu tantas vezes enquanto divagava acerca de tudo e acerca de nada. Agradeço-lhe sobretudo por me dar força para continuar todos os dias e por garantir a minha sanidade mental. (“*Likewise!*”)

Índice

Resumo	i
Abstract.....	iii
Introdução.....	1
Parte 1	5
1. Interações sociais e discriminação.....	7
1.1. Classificação e categorização	7
1.2. Preconceito e estereótipo	8
1.3. Modelo de formação de impressões	12
1.4. Teoria da identidade social	13
1.5. Paradigma dos grupos mínimos.....	14
1.6. Mobilidade Social.....	15
1.7. Homogeneidade	16
1.8. Discriminação.....	17
2. Comunicação verbal – a prosódia na interpretação de mensagens.....	23
2.1. Prosódia – da caracterização da língua à transmissão de emoções	23
3. Objetivos e hipóteses	31
3.1. Hipóteses	31
Parte 2	33
1. Estudo 1	35
1.1. Participantes	35
1.2. Materiais	35
1.3. Procedimentos	44
1.4. Resultados.....	45
1.5. Discussão	46
2. Estudo 2	49
2.1. Participantes	49
2.2. Materiais	49
2.3. Procedimentos	52
2.4. Resultados.....	53
2.5. Discussão	54
4. Conclusão	55
5. Referências Bibliográficas.....	57
Anexos.....	61

Índice de tabelas

Tabela 1 – Modelo do conteúdo do estereótipo	10
Tabela 2: Dados das imagens selecionadas na primeira fase do pré-teste	37
Tabela 3 – Média dos resultados da aparência	39
Tabela 4 – Resultados do pré-teste da base de dados Minear e Park	41
Tabela 5 – Termos selecionados por serem considerados não estereotípicos	43
Tabela 6 – Termos testados que foram considerados estereotípicos	43
Tabela 7 – Adjetivos selecionados após o pré-teste	44
Tabela 8 – Valores de média e de desvio-padrão dos resultados da experiência 1	45
Tabela 9 – Frases utilizadas nas gravações	51
Tabela 10 – Valores de média e de desvio-médio	53

Índice de Figuras

Figura 1: Hierarquia de constituintes prosódicos	26
Figura 2 – Representação das sílabas da palavra “patas”	27
Figura 3 – Exemplo das questões dos pré-testes das imagens	36
Figura 4 – Exemplo das questões do pré-teste dos termos	42
Figura 5 – Exemplo do pré-teste dos tons de voz	52

Índice de Anexos

Anexo I – Exemplo do estímulo apresentado no estudo 1	63
Anexo II – Dados do pré-teste da base de dados FACES	65
Anexo III – Dados do pré-teste da base de dados de Minear e Park	73
Anexo IV – Consentimento informado	77

Resumo

Com o aumento da percentagem de população idosa na nossa sociedade, verificamos cada vez mais acontecimentos de idadismo (discriminação devido à idade), em Portugal verifica-se que há mais discriminação contra idosos do que contra jovens, pelo que é importante estudar em que medida a discriminação contra idosos acontece na população portuguesa jovem.

Uma das formas de avaliar a discriminação é o paradigma *Intergroup Time Bias* (ITB), em que se medem as diferenças no tempo que um participante demora a avaliar imagens de membros do próprio grupo e imagens de membros de outro grupo. Neste paradigma é associada a cada imagem um termo escrito que não seja característico de nenhum dos grupos em estudo, sendo que os termos têm valência positiva e negativa.

Assim, neste trabalho são apresentados dois estudos com o paradigma ITB para avaliar o idadismo. Enquanto no estudo 1, foi utilizado o ITB clássico, no estudo 2 foi feita uma adaptação do paradigma para integrar os termos como estímulo sonoro em vez de estímulo escrito. Pretendeu-se, desta forma, aproximar o estudo 2 à realidade das interações sociais, sendo incluídos dois tons de voz distintos, um tom neutro e um tom marcado (irónico).

Ambos os estudos contaram com a participação de jovens. Os resultados do estudo 1 mostram que existe efeito ITB quando os termos associados às imagens têm valência positiva. Por outro lado, no estudo 2, não foi encontrado efeito ITB em nenhum dos tons de voz utilizados.

Palavras-chave: idadismo, entoação, jovens, idosos, Intergroup Time Bias

Abstract

The rising percentage of elders in today's society leads to increasing ageism (discrimination triggered because of the subjects age) phenomena. In Portugal, ageism is much more common towards the elderly, so it is important to study to what extent discrimination against the elderly occurs in the young Portuguese population.

One way of assessing discrimination is the Intergroup Time Bias (ITB) paradigm, which measures the differences in the time it takes a participant to evaluate group members' images and images from other groups. In this paradigm, each image is associated with a word that is not specific of any of the groups in the study, the words used have positive and negative valence. Thus, this work has two studies with the ITB paradigm to evaluate ageism towards the elderly. In the first study, the classical ITB was used. However, in the second study a modified ITB paradigm was used so as to integrate the words as sound stimulus rather than a written stimulus. This modification was intended to bring the second study closer to the reality of social interactions. This choice was made to include two different voice intonations, one neutral and the other ironic.

Both the first and second studies were made by young people. The results of the first study show that there is an ITB effect when the words associated to the images have a positive valence. However, in the second study, no ITB effect was found in either voice intonation.

Keywords: ageism, intonation, young people, elderly, Intergroup Time Bias

Introdução

A idade é um número objetivo. No entanto as perceções sobre as faixas etárias são subjetivas. De facto, em termos preceptivos, as faixas etárias não têm limites bem definidos, verificando-se grandes diferenças entre países. No relatório elaborado por Lima e colegas (2010a), é referido que a população portuguesa considera que a faixa etária da juventude vai dos 18 aos 33 anos, seguindo-se a faixa etária da meia-idade, desde os 34 aos 65 anos e, por fim, a velhice, que inicia aos 66 anos e vai até ao final da vida. O mesmo relatório apresenta também os intervalos etários de outros países europeus, mostrando que, em média na Europa, a juventude vai dos 18 aos 40 anos, a meia-idade dos 41 aos 61 anos e a velhice dos 62 anos até ao final da vida.

Atualmente verificamos que a média de idades da população mundial está a aumentar, ou seja, a população mundial está envelhecida. Em Portugal, a percentagem de população total que pertence à faixa etária da terceira idade atinge os 20% (Lima et. al, 2010a). A Organização Mundial de Saúde (2015) prevê que esta percentagem continue a aumentar ao longo do tempo, sendo que em 2050 haverá 3 vezes mais pessoas com 60 anos ou mais. Estas alterações têm várias consequências, sendo importante destacar as alterações ao nível da sociedade e das interações entre as várias faixas etárias.

Com o aumento do número de idosos, é cada vez mais relevante abordar as questões de discriminação. A discriminação é um fenómeno resultante de estereótipos (Lima et. al, 2010a) e, quando é dirigida a um indivíduo apenas com base na sua idade, é denominada de idadismo¹ (Greenberg, Schimel & Martens, 2002).

O idadismo ainda é um assunto pouco abordado na literatura, nomeadamente na Europa e, mais especificamente, em Portugal. Assim sendo, há necessidade de avaliar e de caracterizar o idadismo, sendo o principal objetivo desta tese avaliar a discriminação

¹ Termo derivado da palavra idade, para traduzir o termo inglês *ageism*

subtil de jovens contra idosos, utilizando para isso um paradigma denominado de *Intergroup Time Bias* (ITB). Este paradigma foi utilizado anteriormente em estudos para avaliação de discriminação racial e de gênero e será utilizado neste caso concreto para a realização dos dois estudos que compõem esta tese de mestrado.

O ITB avalia as diferenças no tempo de atribuição de traços a sujeitos, que podem pertencer ou não ao grupo do avaliador (Vala, Pereira, Lima & Leyens et. al, 2012). A diferença nos tempos de atribuição, apesar de ser relativamente pequena (na ordem dos milissegundos), tem um impacto significativo na forma como os sujeitos agem nos mais variados contextos sociais (Vala et. al, 2012).

No estudo 1 é aplicada a versão original do ITB e no estudo 2 o paradigma foi redesenhado para incorporar os termos em linguagem oral (incluindo tonalidade de voz neutra e tonalidade de voz marcada - ironia) em vez da apresentação no formato escrito. Assim sendo, será possível fazer uma avaliação mais completa em termos de discriminação subtil.

A inclusão da modalidade auditiva é apresentada como uma aproximação à realidade, visto que no dia-a-dia é comum existir a convivência com estímulos escritos, mas é ainda mais comum existir comunicação através da linguagem oral. Sendo aqui importante referir as várias pistas de sentido e significado que são associadas à oralidade. Assim sendo, a segunda experiência inclui estímulos auditivos em tom neutro, onde não se dá informação suplementar, e estímulos em tom irónico, que por si só é uma pista sobre o significado do termo dito.

Pretende-se, portanto, que o estudo responda às seguintes questões (a) existe discriminação subtil de jovens contra idosos?; (b) o efeito ITB é afetado pela modalidade de apresentação dos termos?; (b1) a entoação irónica sobrepõe-se ao efeito ITB?; (b2) os tempos de atribuição são encurtados ou alongados devido à polaridade (positiva ou negativa) dos termos?.

A elaboração deste trabalho de mestrado em Ciência Cognitiva tem por base as áreas da Psicologia Social e da Linguística, sendo utilizadas ambas as áreas em simultâneo na elaboração do teste.

Esta tese está organizada em duas partes. Na primeira parte é feita a revisão bibliográfica onde é abordado o papel do envelhecimento na sociedade, a discriminação de forma geral e o idadismo de forma particular, os métodos de avaliação do idadismo e a prosódia e a sua importância na interpretação de mensagens. Na segunda parte do trabalho é descrita a metodologia utilizada no estudo, nomeadamente, a construção da

experiência e o recrutamento de participantes, são também apresentados os resultados de ambos os estudos e é feita a discussão e interpretação dos mesmos tendo em conta a literatura.

Parte 1

1. Interações sociais e discriminação

1.1. Classificação e categorização

No contexto social, existem diferentes concepções acerca do conceito de grupo, sendo que a mais relevante para este trabalho é a que define que as características que permitem a identificação dos membros de um grupo têm significado por meio da comparação social (Amâncio, 2000). Assim sendo, os grupos são interdependentes entre si porque é a categorização social que dá significado às categorias que identificam os membros de cada grupo (Amâncio, 2000). O grupo com o qual o indivíduo se identifica é denominado endogrupo e os restantes são denominados exogrupos (Amâncio, 2000).

A classificação de um grupo é feita com recurso à categorização. A categorização é uma ferramenta cognitiva que segmenta, classifica e ordena o ambiente social, dando assim um sistema de orientação para a autorreferência por criar e definir o lugar do indivíduo na sociedade (Tajfel & Turner, 1979). Ou seja, a categorização é o processo utilizado para associar os indivíduos a categorias. Este processo é baseado em juízos de valor que são transmitidos no início do desenvolvimento moral e cognitivo (Marques & Paéz, 2000).

O pensamento através de categorias (categorização) é parte do processo cognitivo normal, sendo que o processo de categorização social tem consequências emocionais relevantes para o indivíduo (Allport, 1954).

As categorias baseiam-se numa correspondência, feita durante o processo de socialização, entre rótulos psicológicos e características perceptualmente evidentes marcadas por valores sociais que originam preconceitos (Allport, 1954).

De acordo com Fiske e Neuberg (1990), a primeira impressão é formada com base em categorias primitivas (o género, a raça e a idade). Estas são o caso mais geral de estereótipo, pelo que requerem menor esforço cognitivo e são apenas postas em causa em circunstâncias específicas (Fiske & Neuberg, 1990). Ainda assim, não há evidência de que as categorias de género, raça e idade sejam as categorias mais preditivas do comportamento, uma vez que, caso exista conhecimento suficiente de outras categorias ou caso se recorra repetidamente a outras categorias, as categorias primitivas perdem a supremacia (Marques & Paéz, 2000).

A associação de um indivíduo a uma categoria é feita com recurso a diversas estratégias, sendo que as impressões podem basear-se em preconceitos e estereótipos de

grupos sociais com os quais o sujeito tem mais familiaridade ou em características específicas do indivíduo (Fiske & Neuberg, 1990).

A categorização dos indivíduos em grupos origina estereótipos que generalizam o julgamento do observador acerca dos grupos (Marques e Paéz, 2000). Ainda assim, as impressões podem ser baseadas tanto em estereótipos quanto em preconceito (Fiske & Neuberg, 1990), sendo importante fazer a distinção entre ambos os termos.

1.2. Preconceito e estereótipo

Allport (1954), foi um dos autores que lançou as bases para o estudo do preconceito, definindo-o como uma atitude positiva ou negativa formada antecipadamente que existe sem experiência direta e sem fundamento. Segundo o mesmo autor, o preconceito leva a que um indivíduo seja julgado apenas por pertencer a um grupo, assumindo-se que este tem as características típicas do seu grupo. Atualmente, por norma, o preconceito é referido como um julgamento prévio negativo, sem motivo, criado devido à generalização e hostilidade em relação a membros de determinados exogrupos (Fiske et. al, 2002; Monteiro, 2000). Assim, considera-se que o preconceito é um conjunto de atitudes que estão associadas a conflitos e discriminação intergrupais (Monteiro, 2000).

Por outro lado, o conceito de estereótipo era, inicialmente, associado a atitudes e/ou pensamentos negativos relativamente a outros grupos (Marques & Paéz, 2000). Atualmente, a definição mais consensual continua a abranger a associação dos estereótipos a comportamentos discriminatórios, mas acrescenta que os estereótipos são um processo necessário que resulta de representações simplificadas da realidade que permitem racionalizar as posições objetivas dos grupos na dinâmica social (Marques & Paéz, 2000).

Os estereótipos são, assim, mecanismos importantes para o processamento da informação nova, estando envolvidos na seleção, codificação e recuperação de informação e também nos processos de inferência daí resultantes (Marques & Paéz, 2000). No entanto, é importante ter em conta que a informação inconsistente ou irrelevante é filtrada, podendo mesmo não chegar a ser integrada em memória, ou seja, a informação pode ser distorcida para preservar a diferenciação entre o endogrupo e os exogrupos (Marques & Paéz, 2000).

Os indivíduos são expostos a informação estereotípica associada a determinados grupos desde a infância, independentemente da sua opinião pessoal e até mesmo antes de

esta ser formada (Devine, 1989, cit. in Ashburn-Nardo et. al, 2001). Esta exposição leva à aprendizagem de estereótipos acerca dos vários grupos, sendo que o estereótipo pode ser formado sem que dele exista consciência, sendo que a informação é armazenada em memória e poderá influenciar respostas futuras (Ashburn-Nardo et. al, 2001). A formação dos estereótipos está relacionada com traços de personalidade, características físicas, expectativas, atitudes e sentimentos acerca de grupos sociais (Kawakami, Young & Dovidio, 2002) e depende do grau de familiaridade que o indivíduo tem com os membros de um grupo, verificando-se que maior familiaridade leva a que exista maior facilidade na codificação individualizada (Marques & Paéz, 2000). Pelo contrário, se existir menor familiaridade, a informação é codificada de modo mais abstrato, uma vez que é prestada mais atenção à frequência absoluta das características, isto resulta em distorções taxonômicas e situacionais (Marques & Paéz, 2000).

De acordo com Marques & Paéz (2000), existem três perspectivas distintas para avaliar a construção das categorias dos estereótipos. A perspectiva clássica, segundo a qual as categorias são construídas de acordo com um princípio de “tudo ou nada”, em que um objeto apenas pertence a uma categoria caso tenha exatamente os mesmos atributos que a categoria (Marques & Paéz, 2000). A perspectiva probabilística, segundo a qual a pertença a uma categoria é determinada pelo nível de semelhança com os restantes membros da categoria, não se verificando atributos que sejam condição de pertença ao grupo (Marques & Paéz, 2000). E, por fim, a perspectiva exemplar, segundo a qual a categoria pode ser representada de acordo com informações individualizadas, ou seja, quando se evoca uma categoria pode surgir a recordação dos atributos típicos da categoria e dos membros associados em memória (Marques & Paéz, 2000).

Os estereótipos e as atitudes intergrupais podem ser ativados espontaneamente a partir da memória, uma vez que são automáticos e ativados algumas centenas de milissegundos após a exposição ao estímulo, pelo que os indivíduos têm pouco controlo sobre a ativação do estereótipo e podem mesmo não se aperceber da influência do mesmo em comportamentos subsequentes à sua ativação (Wittenbrink, Judd & Park, 2001; Kawakami et. al, 2002). A ativação automática de traços estereotípicos é provocada por representações de categorias sociais e de traços relevantes (Kawakami et. al, 2002). Assim, as tendências comportamentais podem fazer parte das representações mentais dos grupos sociais, sendo que os comportamentos são referidos como características de categorias sociais (Kawakami et. al, 2002).

Importa, então compreender como é que organizamos a informação estereotípica, que tipo de estereótipos existem e em que comportamentos e atitudes é que estes resultam.

1.2.1. Modelo do conteúdo do estereótipo

Segundo Fiske e colegas (2002), os estereótipos que as pessoas possuem sobre os diferentes grupos organizam-se segundo duas dimensões fundamentais: competência e sociabilidade. Da combinação da atribuição diferenciada (alta ou baixa) de cada uma destas dimensões, resultam diferentes tipos de estereótipos. Tomando como exemplo um dos grupos de constitui o enfoque deste trabalho, os idosos são, frequentemente, alvo de um estereótipo ambivalente a quem são atribuídas uma baixa competência e uma alta sociabilidade. Isto é, os idosos são vistos como incapazes mas simpáticos. Por outro lado, os asiáticos como competentes e ameaçadores e as pessoas ricas são vistas como frias e desumanas.

As duas dimensões organizadoras dos estereótipos são percebidas pelo observador quando este procura saber qual a intenção do sujeito-alvo (“Esta pessoa tem boas ou más intenções?”) e qual a sua capacidade para a concretizar (“Esta pessoa tem competências para levar as suas intenções avante?”) (Fiske et. al, 2002). De acordo com essas duas dimensões foi construído um modelo do conteúdo do estereótipo onde são consideradas as combinações de ambas as dimensões, como demonstrado na tabela 1.

		COMPETÊNCIA	
		Baixa	Alta
SOCIABILIDADE	Alta	<p>“Preconceito paternalista”</p> <p>Baixo estatuto, não competitivos, pena, simpatia</p>	<p>“Admiração”</p> <p>Alto estatuto, não competitivos, orgulho, admiração</p>
	Baixa	<p>“Preconceito desprezível”</p> <p>Baixo estatuto, competição, desprezo, nojo, raiva, ressentimento</p>	<p>“Preconceito de inveja”</p> <p>Alto estatuto, competitivos, inveja, ciúme</p>

Tabela 1 – Modelo do conteúdo do estereótipo (Fiske et. al, 2002)

Muitos dos estereótipos do exogrupo pertencem a dois quadrantes, ao quadrante da alta sociabilidade e baixa competência e ao quadrante da baixa sociabilidade e alta competência (Fiske et. al, 2002).

Por envolverem duas dimensões diferentes, os estereótipos mistos são funcionalmente consistentes, assim sendo, um grupo pode ter uma dimensão positiva e uma dimensão negativa, sem que haja desconforto (Fiske et. al, 2002). Os grupos mistos promovem os sistemas existentes de privilégio e acalmam os grupos não ameaçadores e desfavorecidos (Fiske et. al, 2002).

De acordo com este modelo, os grupos de baixo estatuto (baixa sociabilidade e baixa competência) são vistos como parasitários e são rejeitados devido às suas intenções negativas para o resto da sociedade e pela sua incapacidade de terem sucesso sozinhos (Fiske et. al, 2002). Ou seja, este tipo de grupos é visto como parasita para o sistema, uma vez que compete com os outros grupos pelos recursos (Fiske et. al, 2002).

Assim sendo, o modelo sugere que o estatuto social dos indivíduos (ou do seu grupo) pode afetar o preconceito. Isto significa que os estereótipos dirigidos a grupos de estatuto elevado tomam a forma de estereótipos por inveja e que os estereótipos dirigidos a grupos de baixo estatuto tomam a forma de estereótipos de paternalismo ou de contentamento. Assim sendo, os membros de minorias em desvantagem ou membros malsucedidos de grupos dominantes deverão mostrar preconceito de inveja, enquanto os membros bem-sucedidos de grupos de elevado estatuto terão mais tendência para preconceitos paternalistas e de contentamento em relação a grupos com menos sucesso (Fiske et al., 2002).

Os estereótipos com dimensões de baixa competência e elevada sociabilidade são denominados de paternalistas e caracterizam grupos sem tendência para magoar os membros do endogrupo ou incapazes de o fazer (Fiske et. al, 2002). Este tipo de estereótipo refere-se a um grupo desrespeitado que despoleta pena, compaixão, simpatia e ternura (Fiske et. al, 2002). Este tipo de estereótipo contrasta com os estereótipos de inveja que implicam que o indivíduo é visto como competente, mas não afetuoso (Fiske et. al, 2002).

O grupo das pessoas idosas é alvo de um estereótipo negativo de baixa competência e de um estereótipo positivo de elevada sociabilidade, o que leva a que sejam alvo de preconceitos paternalistas (Fiske et. al, 2002).

Este modelo mostra, assim, as diferenças qualitativas nos estereótipos e nos preconceitos em relação a diferentes grupos, o que explica quando e porque é que a diferença acontece (Fiske et. al, 2002).

Assim sendo, os estereótipos e os preconceitos são o ponto de partida para a formação de impressões, como é descrito em seguida pelo modelo de formação de impressões descrito por Fiske e Neuberg (1990).

1.3. Modelo de formação de impressões

O modelo de formação de impressões defende que a formação de impressões acontece através de vários processos que estão num *continuum* que reflete a extensão em que são usadas as características do sujeito-alvo, sendo que a formação de impressões acontece com base em graus e não em mudanças discretas (Fiske & Neuberg, 1990).

A categorização e a atenção iniciais originam um *continuum* de diferentes processos de formação de impressões, denominados de categorização confirmatória, recategorização e integração fragmentada (Fiske & Neuberg, 1990). Assim, para a formação de impressões recorre-se a processos que vão desde processos baseados em categorias a processos individualizados, sendo que os primeiros têm um lugar prioritário no *continuum* (Fiske & Neuberg, 1990). Isto é, quando nos confrontamos com uma pessoa, a tendência inicial é tentar encaixar a pessoa em categorias, e só progredimos nesse *continuum*, em que passamos a integrar informação específica da pessoa, caso haja motivação e recursos para o fazer.

Assim, a formação de impressões é influenciada por fatores informacionais e motivacionais, sendo que os últimos surgem dos diferentes objetivos da formação de impressões, que por sua vez dependem do agente motivador primário e dos critérios do agente para alcançar o resultado pretendido (Fiske & Neuberg, 1990). A motivação é mediada pela atenção dirigida aos objetivos e à interpretação dos atributos do alvo (Fiske & Neuberg, 1990). A atenção aos atributos do alvo é o mecanismo chave por detrás do uso de vários processos de formação de impressões (Fiske & Neuberg, 1990).

Apesar de ser um processo mais rápido, a formação de impressões com base na categoria é, por norma, indesejável uma vez que introduz erro e que existe maior probabilidade de se verificar menor precisão na avaliação do indivíduo (Fiske & Neuberg, 1990). No entanto, também se verificam casos em que não é sempre bom individualizar uma vez que esse processo é mais demorado e que algumas categorias são relativamente apropriadas e úteis (Fiske & Neuberg, 1990).

1.4. Teoria da identidade social

Após compreendermos o modo como classificamos os grupos e os seus membros, é agora importante compreendermos o modo como o indivíduo se vê a si mesmo no seu grupo e também como vê o seu grupo no contexto social.

Tajfel e Turner (1979) definem que a identidade social está associada ao conhecimento de pertença dos grupos sociais e ao significado emocional e avaliativo dos mesmos. Assim, Tajfel desenvolveu o modelo da identidade social que propõe que as relações entre os grupos são explicadas por fatores cognitivos associados a valores importantes para a cultura de inserção dos indivíduos: o processo de categorização aumenta a percepção de diferenças entre membros de grupos diferentes e de semelhanças entre membros do mesmo grupo (Tajfel & Turner, 1979).

De acordo com este modelo, os estereótipos correspondem a estruturas cognitivas determinadas por valores sociais cuja função é preservar o sentimento de positividade do autoconceito do próprio sujeito (Tajfel & Turner, 1979). Os estereótipos são então baseados em 3 processos gerais: categorização social, identificação social e comparação social (Tajfel & Turner, 1979). Os dois últimos processos estabelecem a diferença entre a perspectiva psicossocial das percepções de variabilidade nos grupos e uma perspectiva que se baseia apenas no primeiro processo (Monteiro, 2000). As percepções e os julgamentos estereotípicos têm uma componente cognitiva que implica conhecimento da própria pertença categorial (Monteiro, 2000). O conhecimento de pertença a uma categoria implica uma componente avaliativa e emocional durante o processo de julgamento, sendo que o valor atribuído ao grupo é também o valor que o indivíduo atribui a si mesmo enquanto membro do grupo (Monteiro, 2000).

No entanto, os critérios para o processo de categorização são socialmente construídos e consensualmente aceites pela sociedade em geral (Tajfel & Turner, 1979). Assim sendo, estes autores consideram que as categorias sociais resultam de construtos sociais, ou seja, não são fenómenos objetivos. Assim sendo, as categorias e as crenças justificam as relações sociais e, embora o processo de categorização social seja invariante, o conteúdo das categorias varia com as ideologias e a estrutura cultural em que o processo ocorre.

Na base deste modelo estão três componentes psicológicas para a categorização social que são a base para a identidade social e que têm influência no autoconceito do indivíduo: uma cognitiva (o indivíduo sabe a que categoria social pertence), uma

avaliativa (organização das posições relativas das categorias sociais) e uma emocional (consequências das componentes anteriores) (Tajfel & Turner, 1979). Assim, as categorias sociais do indivíduo têm de ser reconhecidas por indivíduos exteriores ao grupo, o que implica que a identidade social não pode depender apenas destes componentes (Tajfel & Turner, 1979). Considerando a importância dos outros grupos para a identidade social, a teoria da identidade está situada no extremo intergrupalo do *continuum* interpessoal-intergrupalo das relações (Tajfel & Turner, 1979). Neste extremo incluem-se situações em que a pertença resulta num consenso externo e interno sobre os conteúdos que definem a categoria social e através do qual esta passa a ser um grupo social (Tajfel & Turner, 1979). Por outro lado, o extremo interpessoal é meramente teórico, uma vez que é difícil encontrar exemplos de interações sociais baseadas apenas nas características individuais dos sujeitos (Tajfel & Turner, 1979).

Visto que a identidade social se define por comparação com outras entidades, o valor que se atribui à pertença categorial depende de um consenso social (Tajfel & Turner, 1979). De notar que a pertença a um grupo nem sempre deriva de uma escolha do indivíduo, ou seja, a pertença pode ocorrer por inerência (como acontece com o caso da pertença ao grupo da nacionalidade). Neste último caso, o indivíduo irá procurar contextos comparativos favoráveis, por exemplo, um português deverá focar-se no facto de Portugal ser campeão europeu de futebol e desvalorizar o desempenho económico do país. Assim sendo, a teoria da identidade social postula que o exogrupo é uma entidade utilizada como referência para a positividade do indivíduo enquanto membro do endogrupo (Tajfel & Turner, 1979).

Partindo dos princípios acima descritos, a teoria da identidade social postula que um sujeito irá associar-se a um grupo caso esse grupo tenha aspetos satisfatórios para a sua identidade (Tajfel & Turner, 1979). Além disso, para manter a sua auto-categorização positiva, o indivíduo tende a avaliar o próprio grupo de forma mais positiva em dimensões importantes para a sua identidade social (Tajfel & Turner, 1979).

1.5. Paradigma dos grupos mínimos

Para analisar se a categorização se traduz em favoritismo pelo endogrupo foi construído o paradigma dos grupos mínimos que estuda as condições mínimas em que emerge o favorecimento endogrupal. Neste caso, o paradigma permitia estudar se a existência de uma categorização intergrupalo seria a condição mínima para o surgimento

de uma discriminação intergrupos (Monteiro, 2000). Neste paradigma é então criada esta situação socialmente “vazia” para isolar a categorização como potencial condição mínima da emergência da discriminação, verificando-se que os sujeitos manifestam clara preferência pelas estratégias de diferenciação (Monteiro, 2000). Assim, segundo este paradigma, a discriminação do outro grupo é explicada pelo favoritismo do endogrupo que é manifestado em todos os grupos simetricamente (Monteiro, 2000).

De acordo com o paradigma dos grupos mínimos, os processos intergrupais de categorização e comparação social passam a ser regulados pela motivação e o grupo de pertença é uma entidade temporária e arbitrária que substitui funcionalmente a satisfação da necessidade de um self positivamente distinto (Monteiro, 2000).

1.6. Mobilidade Social

Apesar de os indivíduos atribuírem mais positividade ao endogrupo, por vezes podem verificar-se situações em que há insatisfação em relação ao endogrupo que podem levar a que o indivíduo pretenda mudar de grupo. Assim, o conceito de “mobilidade social” baseia-se na suposição de que a sociedade é flexível e permeável, isto é, nos casos em que o indivíduo não está satisfeito com a pertença a um grupo, poderá mover-se individualmente para outro grupo (Tajfel & Turner, 1979). No entanto, existe também a noção oposta de mobilidade social em que se implica que a natureza e a estrutura das relações intergrupais sejam marcadas por estratificação, levando a que seja impossível ou muito difícil para os indivíduos se alienarem da pertença a um grupo (Tajfel & Turner, 1979).

As realidades sociais e económicas podem vincar a impossibilidade de sair de um grupo, o que leva a várias formas de comportamento intergrupais (Tajfel & Turner, 1979). Por exemplo, no caso do grupo dos idosos, não é possível existir mobilidade, enquanto no caso dos jovens essa possibilidade é uma realidade. Devido a estas diferentes possibilidades de mobilidade, a relação entre os grupos etários de jovens e de idosos é única (Garstka et. al, 2004; Greenberg et al, 2002). Esta dinâmica é também aplicada em alguns casos de religião e de género, no entanto, não se aplica em casos de etnia, por exemplo (Greenberg et al, 2002).

As diferentes possibilidades de mobilidade levam a que as representações associadas aos diferentes grupos sociais influenciem as relações entre os grupos etários,

por exemplo, estereótipos negativos em relação a um grupo são associados a atitudes mais negativas direcionadas a esse mesmo grupo (Greenberg et al, 2002).

Os contactos entre diferentes grupos etários podem levar a atitudes intergrupais e comportamentos mais positivos, sendo que o tipo e o grau de contacto podem indicar o risco de exclusão e de discriminação entre os diferentes grupos etários da mesma sociedade (Lima et. al, 2010a). Verifica-se, de uma forma geral, que existe pouco contacto entre os indivíduos dos diferentes escalões etários com os idosos (Lima et. al, 2010b). Os mesmos autores referem ainda que, em situações onde se verifica maior contacto entre outras faixas etárias e os idosos, o conteúdo de estereótipo é mais positivo, há menos preconceito e maior manifestação de emoções positivas. De modo geral na Europa e mais especificamente em Portugal, verifica-se que as pessoas tendem a relacionar-se com pessoas do mesmo grupo etário (Lima et al., 2010b).

1.7. Homogeneidade

De acordo com Marques e Paéz (2000), cada grupo admite um determinado grau de variabilidade, ou seja, os membros do mesmo grupo podem apresentar diferenças entre si. Esta variabilidade está parcialmente dependente da familiaridade que temos com o grupo, sendo que a familiaridade se traduz na quantidade de informação disponibilizada ou percebida. Quando não existe familiaridade, podem verificar-se distorções na informação percebida, assim sendo, as informações referentes a situações específicas e a tipos particulares de membros.

Deste modo, e uma vez que há menor familiaridade com o exogrupo, os indivíduos tendem a generalizar mais o exogrupo do que o endogrupo, sendo que maior generalização leva a uma perceção de maior homogeneidade do exogrupo. Assim, o efeito de homogeneidade do exogrupo define-se pela tendência para considerar que o endogrupo é mais variável do que o exogrupo (Marques & Paéz, 2000).

No entanto, a avaliação da homogeneidade do exogrupo e do endogrupo parece ser baseada numa preocupação em assegurar a diferenciação entre ambos os grupos. Deste modo, verifica-se que o efeito de homogeneidade do exogrupo pode ser alterado em algumas situações, sem que isso corresponda às diferenças de informação que os sujeitos têm acerca do endogrupo e do exogrupo (Marques & Paéz, 2000). Assim, o endogrupo pode ser considerado mais homogéneo que o exogrupo, principalmente se o atributo responsável pela diferenciação for importante para a distinção entre grupos e se a pertença

grupais tornada saliente ou se existir competição entre os grupos (Marques & Paéz, 2000).

Os membros de grupos majoritários seguem, por norma, o princípio da homogeneidade do exogrupo, ou seja, consideram que os exogrupos são mais homogêneos que o endogrupo (Marques & Paéz, 2000). Por outro lado, os membros de grupos minoritários percebem maior homogeneidade no endogrupo do que nos exogrupos. No último caso, verifica-se que a homogeneidade do endogrupo é um resultado da necessidade de reforçar a coesão para garantir uma identidade social positiva.

1.8. Discriminação

Lima e colegas (2010a) descrevem a discriminação como um fenómeno resultante de estereótipos (que podem ser negativos ou positivos) e que pode ser caracterizado como subtil ou como flagrante. De acordo com os mesmos autores, a discriminação flagrante é a forma mais explícita de discriminação (insultos, abusos ou recusa de prestação de serviços, por exemplo). Por outro lado, a discriminação subtil é caracterizada por comportamentos que indicam discriminação de um modo mais velado e implícito, por exemplo, ignorar o indivíduo em questão (Lima et. al, 2010a).

A discriminação de um indivíduo com base apenas na sua idade é denominada de idadismo (Lima et. al, 2010a). Este conceito é definido como um conjunto de atitudes e comportamentos positivos ou negativos que têm várias causas e várias funções, sendo determinado por variáveis psicológicas (Greenberg et. al, 2002; Lima et. al, 2010b).

Os estudos acerca de idadismo foram feitos sobretudo por autores norte-americanos, que indicam que este tipo de discriminação acontece em várias áreas, como a saúde, o trabalho e a comunicação social (Lima et. al, 2010a). A nível europeu, o estudo do idadismo é um fenómeno relativamente recente e, nomeadamente, em Portugal, desconhece-se a abrangência deste fenómeno (Lima et. al, 2010a). De modo geral, na Europa, o idadismo verifica-se com mais frequência em relação a jovens do que a idosos, no entanto, em Portugal, verifica-se a tendência oposta: o idadismo é mais frequente em relação a idosos do que em relação a jovens (Lima et. al, 2010a).

A perceção da gravidade do idadismo varia de acordo com o país, Lima et. al (2010a) referem que o país europeu onde se considera que o idadismo é mais grave é a França (67% dos inquiridos considera que o idadismo é grave), verificando-se a opinião contrária na Turquia (17,3% dos inquiridos considera que o idadismo é grave).

É possível identificar alguns aspetos preditores de idadismo, sendo os mais importantes a perceção do estatuto social, o autocontrolo do preconceito e a perceção de ameaça (Lima et. al, 2010b). Por outro lado, verifica-se que fatores como a idade, a religiosidade e o autocontrolo do preconceito são os melhores preditores da experiência pessoal da discriminação (Lima et. al, 2010b). Em Portugal, verifica-se que idosos mais religiosos e com menor autocontrolo do preconceito relatam maior experiência de discriminação (Lima et. al, 2010b). É, ainda, importante referir que os indicadores de idadismo não são influenciados pelo género, pelos estatutos socioeconómicos nem pela idade dos avaliadores (Lima et. al, 2010b).

Segundo Lima et. al (2010b), verifica-se que tanto os jovens como os idosos são considerados como mais simpáticos do que competentes, sendo que aos idosos é associado um preconceito paternalista por se associar as pessoas desta faixa etária a pessoas com baixa competência e elevada perceção de sociabilidade. Deste modo, os autores concluem que, quanto mais positivas as emoções face aos idosos, menor é o preconceito existente e mais positiva é a valência do estereótipo. Em Portugal, o estereótipo é positivo para os idosos e, portanto, está relacionado com atitudes mais positivas (Lima et. al, 2010b).

De acordo Garstka et al (2004), a perceção de discriminação aumenta a identificação com o grupo, especialmente quando as fronteiras entre grupos de baixo e de alto estatuto parecem impermeáveis. Quando existe uma sensação de inclusão, a identificação com o grupo pode aliviar parcialmente os efeitos negativos da discriminação percebida no bem-estar dos indivíduos (Garstka et. al, 2004). Enquanto, para os jovens, a discriminação devido à idade que é percebida não está relacionada com o bem-estar psicológico nem com a identificação grupal, para os idosos a discriminação devido à idade que é percebida é associada a prejuízo para o bem-estar dos indivíduos e a aumento da identificação grupal (Garstka et. al, 2004). Por sua vez, o aumento da identificação grupal está relacionado com melhor bem-estar psicológico (Garstka et. al, 2004). Uma vez que a experiência de discriminação pode ser transitória e que podem existir oportunidades de mobilidade para um grupo de elevado estatuto, é possível que as perceções de discriminação não afetem o bem-estar psicológico dos indivíduos nem o seu sentimento de identificação grupal (Garstka et. al, 2004).

O conteúdo do estereótipo no idadismo é influenciado por vários fatores, sendo os mais relevantes o género, a idade, a escolaridade, o estatuto social e a religiosidade (Lima et. al, 2010b).

Assim sendo, torna-se importante a adaptação da sociedade ao facto de a população estar cada vez mais envelhecida. São necessárias adaptações aos meios de saúde (infraestruturas e técnicos de cuidados geriátricos, por exemplo) e é também necessária uma mudança de mentalidade a nível social no que respeita a integração dos idosos na sociedade, sendo importante a adaptação da sociedade aos idosos. Os progressos no sentido da melhoria das condições de vida das pessoas desta faixa etária (nomeadamente através da consciencialização da sociedade para a importância dos idosos na sociedade, através da criação de infraestruturas especializadas para idosos e através da formação de profissionais) são notórios. No entanto, ainda se verificam atitudes distintivas em relação às pessoas idosas.

1.8.1. Valência do estereótipo no idadismo

Lima e colegas (2010b) defendem que o indicador da valência do estereótipo está correlacionado negativamente com o preconceito direto e positivamente com as emoções positivas, ou seja, quanto mais positiva é a valência do estereótipo, menor é o preconceito e mais positivas são as emoções face aos idosos.

É ainda importante referir que, no caso dos estereótipos acerca de idosos, menor perceção da ameaça cultural, menor nível de escolaridade, mais contacto com idosos, menor perceção de ameaça à saúde e de ameaça económica e também uma perceção mais elevada do estatuto social dos idosos levam à formação de estereótipos mais positivos em relação a idosos (Lima et. al, 2010b).

1.8.2. Métodos de avaliação da discriminação

Em Portugal, cerca de 20% das pessoas questionadas para o relatório de envelhecimento elaborado por Lima e colegas (2010a) consideram que são tratadas indevidamente devido à idade. No mesmo relatório é ainda referido que a forma mais comum de idadismo é a discriminação subtil.

A discriminação é estudada com recurso a várias técnicas e abordagens. No âmbito desta tese de mestrado, importa referir a técnica que será utilizada, o *Intergroup Time Bias* (ITB).

A aplicação do teste ITB consiste em apresentar uma fotografia de um indivíduo associada a um termo que não seja estereotípico, sendo pedido ao participante para indicar se o termo poderá caracterizar a pessoa da fotografia. Este teste pode ser utilizado para comparar vários grupos, desde que as diferenças possam ser percebidas.

Bases teóricas do ITB

Tal como referido anteriormente, o tempo é um recurso fundamental para os seres humanos, influenciando muitos aspetos do funcionamento quotidiano. A formação de impressões é um processo heurístico, ou seja, os indivíduos não despendem a mesma quantidade de tempo para avaliar todos os outros indivíduos, tal como é postulado pelo *continuum* de formação de impressões de Neuberg e Fiske, que foi descrito acima. Assim, e de acordo com o *continuum*, o tempo que os participantes demoram a ler o perfil do alvo antes de tomarem uma decisão indica se as pessoas tomam a decisão com base na categoria ou no indivíduo. Por norma, o investimento de tempo na avaliação de um indivíduo está relacionado com o grupo a que este é associado – nos membros do exogrupo não é investido muito tempo para a categorização, verificando-se o contrário nos membros do endogrupo (Vala et. al, 2012).

Em estudos anteriores utilizando o ITB (Vala et. al, 2012), verificou-se que os participantes investem tempo de forma diferenciada e não aleatória na avaliação dos participantes. Além das diferenças de tempo despendido entre membros do endogrupo e do exogrupo, são também verificadas neste paradigma diferenças na atribuição dos traços (os membros do endogrupo tendem a ser avaliados com traços mais positivos), na atribuição de emoções (o endogrupo tem mais emoções secundárias associadas) e na linguagem utilizada (Vala et. al, 2012). Este conjunto de diferenças, associado também à motivação e à atenção do observador aos alvos, resulta num enviesamento do tempo utilizado para julgar os membros do endogrupo e do exogrupo, que é denominado de ITB (Vala et. al, 2012). Ou seja, são relacionados o favoritismo do endogrupo, a importância do tempo nas relações sociais contemporâneas e os processos de formação de impressões em contextos intergrupais.

No ITB os participantes homogeneízam mais os alvos do exogrupo que os do endogrupo, este efeito não é explicado pelo processo de estereotipificação uma vez que o efeito se mantém quando os traços são estereótipos e não estereotípicos (Vala et. al, 2012). Desta forma, segundo Vala e colegas (2012), o ITB é um indicador genuíno de preconceito, uma vez que a avaliação dos membros do exogrupo é mais rápida do que a dos membros do endogrupo, o que revela que o preconceito relativo ao exogrupo é maior. Além disso, os mesmos autores realçam que a correlação entre o ITB e a homogeneização pode indicar um tipo específico de inferiorização do exogrupo, como é o caso da

despersonalização (caracterizada pela eliminação da individualidade dos membros de um grupo).

2. Comunicação verbal – a prosódia na interpretação de mensagens

As interações sociais ocorrem de várias formas e o modo como a interação acontece pode, logicamente, afetar a forma como a esta se desenrola. De forma a aproximar este trabalho dos contextos reais, foi desenhado um estudo de ITB que incluísse também a língua falada, visto que esta é a forma de interação mais habitual. Assim sendo, irão ser abordadas as variações que as mensagens podem ter ao nível da transmissão oral, uma vez que essa variabilidade irá ser parte da segunda experiência apresentada neste trabalho.

2.1. Prosódia – da caracterização da língua à transmissão de emoções

A comunicação é feita sob várias formas, de realçar a forma verbal que compreende a informação proveniente de sons, palavras e enunciados (Ito & Speer, 2008) e a forma não verbal, onde se incluem a expressão facial, os gestos e a postura (Laplante & Abandy, 2003; Mozziconacci & Hermes, 1999; Regenbogen et al., 2012). No estudo da comunicação é fundamental abordar várias das suas vertentes, sendo relevantes para o trabalho apresentado os aspetos referentes à prosódia, quer numa perspetiva das características da própria língua quer numa perspetiva de transmissão de informações que vão além do conteúdo semântico.

2.1.1. A prosódia na transmissão de atitudes e emoções

Segundo Eckert (2012), os locutores exploram os recursos linguísticos para adicionar uma camada de significado social ao significado denotacional. No discurso natural algumas palavras podem ser mais proeminentes em termos de entoação do que outras (Hirschberg, 1991). Os locutores de uma determinada comunidade linguística têm capacidade de produzir e responder a diferentes padrões de entoação, sendo que esta é uma capacidade cognitiva geral, automática e sofisticada (Ito & Speer, 2008).

Uma das características da comunicação é a prosódia, que se caracteriza por ser um nível de representação linguística em que a acústica das propriedades fonéticas (tonicidade, estrutura temporal, intensidade, qualidade da voz e ritmo do discurso

(Vroomen, Collier, & Mozziconacci, 1993; Mozziconacci, & Hermes, 1999)) de um enunciado variam independentemente dos itens lexicais que o compõem.

No entanto, a prosódia depende de outros fatores (por exemplo, como os itens se relacionam semântica ou sintaticamente, como os itens estão agrupados ritmicamente, onde o interlocutor coloca a ênfase, qual o ato de fala do enunciado, qual a atitude/estado emocional do interlocutor) (Wagner & Watson, 2010).

De acordo com Ito e Speer (2008) e com Schumacher e Baumann (2010), a informação dada pela prosódia é utilizada pelos interlocutores muito cedo durante o processamento em tempo real, mesmo antes de se confirmar a informação lexical. Assim sendo, a prosódia afeta não só a rapidez, mas também quão corretamente o interlocutor compreende a mensagem (Birch & Clifton, 1995). Segundo Schumacher e Baumann (2010), a prosódia também afeta uma fase mais tardia da comunicação, em que existe uma atualização do discurso em que os conflitos entre a informação dada pela prosódia e o estado atual da informação do referente são detetados.

A voz, além de veículo de comunicação verbal, é também veículo de comunicação não-verbal (McAlear, Todorov & Belin, 2014). O funcionamento da voz pode ser afetado por alterações induzidas pela emoção, podendo verificar-se diferenças no funcionamento da voz, na velocidade, na intensidade e na qualidade do espectro das vocalizações (Schirmer, 2010).

A prosódia pode ser usada para indicar o estado emocional do interlocutor (Regenbogen et al., 2012), adicionando assim um significado emocional a uma mensagem verbal (Schirmer, 2010). Além disso, a prosódia pode também ser usada para afetar as atitudes do locutor em relação às palavras e, conseqüentemente, em relação aos referentes dessas palavras (Schirmer, 2010).

Uma das características da prosódia é a entoação, um sistema complexo para assinalar relações no discurso que se caracteriza pela produção de diferentes tons ao longo da duração do enunciado (Wennerstrom, 1994). A entoação dá estrutura organizacional ao discurso (Ito & Speer, 2008), podendo transmitir atitudes do interlocutor e informações acerca de fenômenos e características importantes para a organização da informação (LaPlante & Ambady, 2002). Diferentes entoações permitem ao interlocutor dizer a mesma sequência de palavras de formas com intuítos comunicacionais diferentes (Egan, 1980), sendo esse o motivo pelo qual a entoação é um fator determinante na transmissão de emoção durante a comunicação verbal (Mozziconacci & Hermes, 1999).

De acordo com Solomon e Ali (1975), os adultos são mais responsivos à entoação da sua língua materna, uma vez que têm mais experiência como utilizadores dessa língua. Por outro lado, os adultos que falam uma segunda língua fazem um uso mais reduzido da entoação, que se assemelha ao uso que as crianças fazem da entoação da língua-mãe.

Segundo Bugental (1974), a credibilidade do discurso é afetada não só pelo conteúdo da mensagem, mas também pela espontaneidade e pela formalidade da produção do discurso. Assim, locutores com produção espontânea e informal transmitem mais credibilidade, independentemente do conteúdo da mensagem que estão a transmitir. Deste modo, é possível concluir que, quando existe elevada credibilidade nas pistas, a entoação tem um grande peso na interpretação da mensagem transmitida pelo locutor (Bugental, 1974).

2.1.2. Propriedades prosódicas

Atualmente, o termo prosódia é usado em fonologia suprasegmental (Mateus, 2004) para referir variações de tom (inflexões), intensidade, duração (medida de tempo) e ritmo na fala (Mateus et al., 2005). Estas variações são denominadas de traços prosódicos e permitem a caracterização do nível fonético das línguas uma vez que estão relacionadas com as características acústicas das ondas sonoras (Mateus et al., 2005).

Segundo Mateus (2004), a prosódia é um aspeto destacado desde as primeiras gramáticas portuguesas (a gramática de João de Barros já faz referência à prosódia), no entanto, o estudo desta característica é subsequente ao estudo das características segmentais. Assim sendo, só após a introdução de teorias multilíneas foi possível estudar a prosódia em linguística uma vez que neste tipo de abordagem os domínios de aplicação se encontram distribuídos em vários níveis autónomos e podem englobar mais do que um segmento (Mateus et al., 2005).

Mateus et al. (2005) referem que as propriedades prosódicas são utilizadas na comunicação com diferentes objetivos, por exemplo, indicar o limite das unidades (final ou início de palavras), criar oposições distintivas (em línguas tonais como o chinês), distinguir significados globais de construções fráscas (por exemplo, na diferenciação entre afirmações e interrogações).

Segundo Mateus et al. (2005), os níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico interagem com os traços prosódicos, sendo que estes fazem referência às características rítmicas e de significado das línguas. Os constituintes prosódicos são justificados e identificados através de:

- Regras de gramática que se referem a esses constituintes na sua formulação ou que os têm como domínio de aplicação;
- Restrições fonotáticas em relação com esses grupos de segmentos;
- Relações de proeminência entre os elementos do grupo de segmentos (ex sílaba).

Numa sequência sonora com mais do que uma palavra lexical, verificam-se proeminências acentuais que estão distribuídas ao longo da sequência sonora, estabelecendo-se, assim, uma hierarquia de proeminências. Nessa hierarquia, cada um dos níveis de proeminência corresponde a um constituinte prosódico, sendo que cada um desses constituintes integra uma proeminência principal. Nas línguas, a organização fonológica é definida pela hierarquia apresentada na figura abaixo (figura 1) (Mateus et al., 2005).

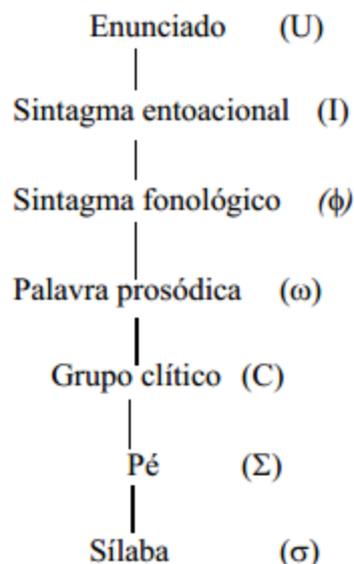


Figura 1: Hierarquia de constituintes prosódicos que define a organização fonológica de uma língua (Mateus et. al, 2005)

Os constituintes que se encontram hierarquicamente abaixo da palavra prosódica, o pé e a sílaba, são formados exclusivamente a partir de informação fonológica, sendo que a palavra prosódica serve como interface entre os domínios da fonologia, da morfologia e do léxico (Mateus et al., 2005). De acordo com estes autores, os constituintes acima da palavra prosódica são ainda importantes para a construção dos constituintes prosódicos – os sintagmas fonológico e entoacional são interface entre fonologia e

sintaxe; ao nível do enunciado são também relevantes informações fonológicas e semântico-discursivas. Para o estudo da prosódia do português, os aspetos mais relevantes são a sílaba, a palavra prosódica, o sintagma fonológico e o sintagma entoacional (Mateus, 2004, pág. 8). No caso deste estudo, uma vez que apenas são usadas palavras morfológicas, é apenas importante caracterizar a sílaba e a palavra prosódica.

Sílaba

A sílaba é uma construção perceptual relacionada com o ritmo da fala (Mateus et al., 2005), sendo objeto de estudo da prosódia desde a gramática de João de Barros (Mateus, 2004).

É o constituinte de nível mais baixo da hierarquia de constituintes prosódicos, tendo propriedades específicas que resultam de outros fatores que vão além da simples segmentação fonética das sequências de segmentos (Mateus, 2004); tem uma estrutura interna organizada hierarquicamente, ou seja, na sílaba cada um dos segmentos ocupa um nível autónomo e relaciona-se com os restantes por dependências (Mateus et al., 2005).

A estrutura interna da sílaba é organizada hierarquicamente em ataque e rima, como se pode verificar na figura 2. Sendo que o ataque é composto pela(s) consoante(s) com que a sílaba inicia, podendo iniciar por qualquer consoante simples ou por uma sequência de consoantes (Mateus, 2004; Mateus et al., 2005).

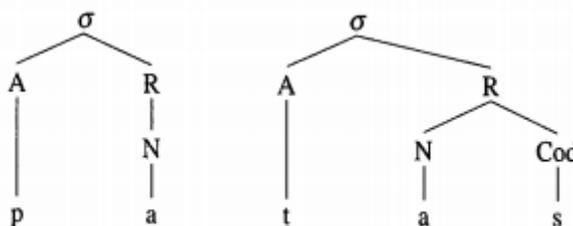


Figura 2 – Representação das sílabas da palavra “patas” (Mateus et. al, 2005, pág. 1039)

Segundo os mesmos autores, em português as sequências de consoantes têm restrições, ou seja, têm de ser sequências aceitáveis em português (grupo próprio, que deve respeitar o princípio da sonoridade²) e têm de obedecer à condição de

² A sonoridade dos segmentos que constituem a sílaba aumenta no início do núcleo e diminui desde o núcleo até ao final da sílaba.

dissimilaridade (distância máxima na escala de sonoridade entre os dois elementos do segmento). No entanto estes autores notam que, apesar destas restrições, o português europeu viola este princípio frequentemente a nível fonético, como se verifica, por exemplo, nas palavras *pacto* e *psicologia*. Referindo ainda que na fala coloquial existem sequências que violam o princípio da sonoridade (como se verifica em palavras como *estar* [ʃtáɾ] ou *pequeno* [pkénu]).

Segundo Mateus (2004) e Mateus et al. (2005), a rima é o único constituinte que tem de ser obrigatoriamente preenchido na sílaba, sendo constituída obrigatoriamente pelo núcleo e podendo ter também coda (consoante após o núcleo). Os mesmos autores referem também que o núcleo pode ter uma só vogal (simples) ou um ditongo decrescente (complexo/ramificado) e que, na língua portuguesa, a coda apenas pode ser constituída por um número reduzido de consoantes (*l*, *r* e *s*) que têm diferentes realizações fonéticas. No entanto, de acordo com Mateus (2004), a supressão de [ɨ] no final das palavras leva a que todas as consoantes possam ocorrer em coda como se verifica por exemplo em *bate* [ˈbat].

Palavra prosódica

Hierarquicamente, a palavra prosódica está acima da sílaba e é identificada através da verificação de alguns aspetos que lhe são característicos e que a relacionam com a palavra (Mateus, 2004). Segundo Mateus et al. (2005), este constituinte prosódico é importante para fenómenos fonológicos de vários tipos (por exemplo, processos fonológicos segmentais; restrições de conjuntos de segmentos; fenómenos de natureza acentual e tonal; processos de truncamento ou apagamento de constituintes).

Mateus (2004) indica que a palavra morfológica é uma sequência onde se concretizam categorias morfológicas e tem uma estrutura interna que inclui radical e que pode incluir sufixos ou prefixos. Por outro lado, a palavra prosódica integra os traços prosódicos e aproxima-se da palavra morfológica, no entanto, podem não coincidir (Mateus, 2004). No trabalho desenvolvido foram utilizadas palavras isoladas levando a que, neste caso, a palavra prosódica que referimos seja equivalente à palavra morfológica.

Segundo Mateus et al. (2005), a palavra prosódica é identificada pela presença de um acento primário (principal). Por outro lado, a palavra morfológica pode não ter acento ou até ter mais do que um acento, como é o caso de palavras compostas (Mateus, 2004). O acento principal marca uma sílaba mais forte na sequência fonética (Mateus et al., 2005) e é fundamental para a identificação da palavra prosódica e para a organização da

cadeia sonora e resulta da conjugação de propriedades de duração e intensidade do som vocálico (Mateus, 2004). Além do acento principal, verificam-se acentos secundários (por exemplo, em palavras com sufixos *-mente* e *-z-avaliativos*) que, do ponto de vista prosódico, são pontos de proeminência presentes na cadeia sonora que reforçam o poder informativo do acento principal e organizam o ritmo da cadeia fonética (Mateus, 2004, Mateus et al., 2005). Os acentos secundários ocorrem em intervalos regulares e em sílabas pré-tônicas, sendo atribuídos a um nível pós-lexical uma vez que a sua atribuição tem em conta a supressão de vogais átonas e varia com as circunstâncias, por exemplo, com o contexto fonético (Mateus et al., 2005 & Mateus, 2004).

De acordo com Mateus (2004), este constituinte fonológico contribui para a existência de intervalos regulares entre os acentos principais da palavra uma vez que permite a organização da cadeia tónica.

Quando uma palavra é produzida numa cadeia rítmica, podem verificar-se alterações na cadeia fonética e na estrutura interna da palavra quando esta se coarticula com outras palavras que a precedem ou sucedem (sândi interno ou externo, respetivamente), quando há variações na velocidade de articulação ou quando há intenção comunicativa específica (Instituto Camões, 2006). Por outro lado, se a palavra for produzida isoladamente, a sua estrutura prosódica é previsível e não marcada. No entanto, caso exista intenção de expressão de uma atitude comunicativa específica, a palavra pode ser produzida com vários formatos fonéticos, sendo a sua produção manipulada pela alteração de vários aspetos como a variação da velocidade de articulação (os segmentos ou sílabas da palavra são produzidos com durações e alongamentos excepcionais), a variação da intensidade das sílabas e a variação da frequência fundamental da sílaba tónica.

Sintagma fonológico

O sintagma fonológico é composto por uma ou mais palavras prosódicas (Mateus et al., 2005, Mateus, 2004) e a sua identificação é pouco evidente no português europeu (Mateus, 2004).

De acordo com Mateus et al. (2005), o sintagma fonológico contribui para a organização fonológica do português europeu pois afeta o domínio dos processos fonológicos de tipo rítmico e das questões entoacionais.

Sintagma entoacional

É o constituinte fonológico hierarquicamente mais elevado e é composto por um ou mais sintagmas fonológicos adjacentes (Mateus et al., 2005, Mateus, 2004). Um dos fatores de evidência do sintagma entoacional, na frase, é a realização da fricativa final de palavra quando a palavra seguinte é iniciada por uma vogal (Mateus et al., 2005).

Os fatores fonológicos podem ainda levar a que a mesma sequência de fala possa resultar em sintagmas entoacionais diferentes (Mateus et al., 2005). Assim sendo e segundo os mesmos autores, o sintagma entoacional é construído de acordo com o tamanho, o peso e a simetria dos constituintes e também de acordo com a velocidade da fala (por exemplo, sintagmas mais longos correspondem a um discurso mais rápido e sintagmas menores correspondem a um discurso mais pausado). No entanto, também segundo Mateus et al. (2005), os sintagmas entoacionais nem sempre correspondem a constituintes sintáticos, verificando-se então que o sintagma entoacional é um constituinte prosódico necessário para explicar fenômenos fonológicos.

De acordo com Mateus (2004), o sintagma entoacional é identificado por uma curva de entoação que, por sua vez, é constituída por uma sucessão de acentos tonais (pontos proeminentes que podem ser altos ou baixos) e de tons de fronteira (tons associados ao limite de cada uma das margens do sintagma entoacional). A distribuição das proeminências de intensidade está associada à distribuição dos tons e permite identificar um acento nuclear (Mateus, 2004).

O sintagma entoacional é, então, caracterizado e limitado pela sequência de acentos e de tons, sendo assim, este é um constituinte que faz a interface entre a fonologia e outros domínios da língua, como a sintaxe e a semântica (Mateus, 2004).

Em suma, no português, a sílaba, a palavra prosódica e o sintagma entoacional são unidades prosódicas que segmentam a fala (Mateus, 2004). De acordo com a mesma autora, a distribuição dos acentos (principal e secundário) e os acentos nucleares são os elementos responsáveis pela organização da fala. Por sua vez, a organização das unidades prosódicas tem o contributo da duração dos segmentos (Mateus, 2004).

3. Objetivos e hipóteses

O idadismo é um fenómeno comum em algumas sociedades atuais, pelo que é importante compreender se existe na sociedade portuguesa e também procurar formas de o combater. Neste trabalho são abordadas duas avaliações de discriminação subtil (o tipo de discriminação mais comum quando nos referimos ao idadismo).

Trabalhos anteriores acerca de discriminação com o uso do ITB mostraram que esta é uma boa forma de avaliar a discriminação subtil entre grupos. Em Portugal nunca foram feitos estudos de ITB com foco no idadismo de jovens contra idosos. Esta abordagem será então o foco da primeira experiência apresentada neste trabalho.

O ITB clássico utiliza a forma escrita como método de transmissão de mensagens, no entanto, a forma como a mensagem é apresentada afeta a sua interpretação. Por um lado, na apresentação textual há fatores que importa controlar, sejam eles a fonte e o tamanho do texto ou o destaque que é dado ao mesmo. A versão clássica do ITB conta com apresentações escritas das palavras que são sempre consistentes entre si, pelo que não há introdução de variabilidade nesse aspeto. Por outro lado, a mensagem verbal é acompanhada de várias outras pistas, sejam elas dadas pela expressão do interlocutor ou pela forma como este modela a sua voz. A segunda experiência que este trabalho apresenta é a realização de um ITB utilizando a voz como estímulo auditivo em vez da palavra escrita como estímulo visual. Ao ser utilizado um tom neutro sugere-se que não haverá pistas acerca de um significado alternativo ou de um julgamento. Por outro lado, a utilização de um tom de voz marcado oferece pistas e sugestões acerca do significado ou da intenção comunicativa do interlocutor. Neste sentido, o que pretendemos estudar é se essa informação terá primazia sobre os efeitos subjacentes ao ITB ou se estes prevalecem independentemente das pistas facultadas pelo estímulo apresentado.

3.1. Hipóteses

Para o estudo 1, a hipótese formulada é que, tal como se verifica com outros grupos, há discriminação subtil de jovens contra idosos na população portuguesa. Desta forma, prevê-se que, de acordo com o efeito ITB, os jovens demorem em média mais tempo para responder quando a imagem apresentada é de um jovem do que quando a imagem apresentada é de um idoso.

Para o estudo 2 são colocadas duas hipóteses, a primeira é que o efeito ITB se mantém quando a modalidade de apresentação do estímulo é o tom de voz neutro, uma vez que não estão a ser dadas pistas suplementares. A segunda hipótese é que quando é apresentado o tom de voz irónico, o efeito ITB irá desaparecer, ou seja as diferenças entre a média de tempo para responder a faces de idosos e a faces de jovens não serão significativas. Ou seja, prevê-se que, por estar a ser dada uma pista que vai além da palavra e do seu significado literal, os participantes não irão categorizar de acordo com o estereótipo, mas sim de acordo com a pista dada pela alteração na entoação que varia de forma sistemática e independentemente da idade do alvo.

Parte 2

1. Estudo 1

O estudo 1 consistiu na aplicação do ITB clássico, ou seja, apenas foram apresentadas fotografias de indivíduos e os respetivos termos não-estereotípicos em formato escrito, o formato da apresentação dos estímulos deste estudo pode ser verificado no anexo I.

1.1. Participantes

Os participantes deste estudo foram voluntários recrutados dentro da população de estudantes universitários da Universidade de Lisboa, tendo idades compreendidas entre os 18 e os 33 anos. Para este estudo foram recrutados 54 participantes, sendo 36 do género feminino e 18 do género masculino, com uma média de idades de 21.9 anos.

1.2. Materiais

Para a construção do ITB clássico é necessária a utilização de fotografias que retratem membros do grupo a estudar e termos não-estereotípicos de ambos os grupos a estudar.

1.2.1. Fotos

Um dos elementos fundamentais para a aplicação do paradigma é o conjunto de imagens. Inicialmente foi equacionada a hipótese de utilizar imagens provenientes de várias bases de dados, no entanto, para que as imagens fossem iguais em termos de características técnicas, optou-se por utilizar imagens de apenas uma base de dados. As principais diferenças notadas entre bases de dados eram em termos de cenário e de iluminação.

Para os pré-testes foram selecionadas duas bases de dados com fotos de jovens e de idosos, a base de dados FACES (Ebner, Riediger & Lindenberger, 2010) e a base de dados de Minear e Park (2004), tendo sido pedida autorização para o uso das imagens no âmbito desta tese. Na primeira base de dados constam fotos de sujeitos de nacionalidade alemã que estão divididas por faixa etária e por género. Na segunda base de dados as fotos são de sujeitos de nacionalidade norte americana e estão divididas por género e por etnia. De forma a eliminar as diferenças que poderiam existir entre géneros, uma vez que esse não era o objetivo dos testes, foram apenas para pré-teste as fotos de indivíduos do sexo masculino que pertencessem às faixas etárias de jovens e de terceira idade.

Os testes foram feitos *on-line* através dos formulários disponibilizados pelo *Google Forms*, sendo que cada uma das bases de dados foi testada separadamente e as imagens foram testadas relativamente à nacionalidade (as fotografias tinham de ser percebidas como sendo de pessoas de nacionalidade portuguesa), à aparência (tanto os jovens como os idosos tinham de ser percebidos como tendo o mesmo grau de atratividade) e à faixa etária (cada fotografia tinha de ser associada à faixa etária correta). A figura 3 apresenta as questões colocadas nos pré-testes.



Em que medida considera que a pessoa retratada na imagem é de nacionalidade portuguesa? *

1 2 3 4 5 6 7

Não é minimamente português É completamente português

Qual o grupo etário a que considera que pertence a pessoa retratada na imagem? *

Menor de 18 anos

18 - 24 anos

25 - 32 anos

33 - 64 anos

65 - 80 anos

81 - 90 anos

Considera que o sujeito retratado na imagem é:

Nada bem-parecido

Relativamente bem-parecido

Muito bem-parecido

Figura 3 – Exemplo das questões dos pré-testes das imagens

Pré-teste às imagens da base de dados FACES

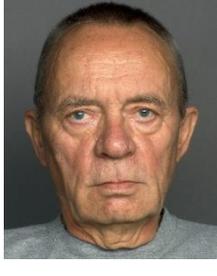
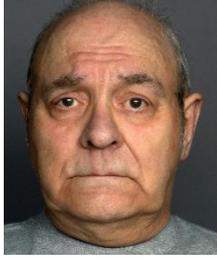
A base de dados FACES foi desenvolvida pelo Instituto Max Planck em Berlim. Esta base de dados é composta fotos de 171 indivíduos de várias faixas etárias – 58 jovens, 56 pessoas de meia idade e 57 idosos. Os participantes são do género masculino e feminino e nas fotos apresentam seis expressões faciais (neutra, triste, nojo, raiva, medo e felicidade), sendo que para este trabalho apenas foram selecionadas imagens de indivíduos jovens e idosos do género masculino com a expressão facial neutra.

Antes de iniciar os testes desta base de dados, foi feita uma pré-seleção das imagens, tendo sido excluídas as imagens em que os indivíduos tinham cabelos ou olhos claros.

Para testar as imagens referentes à base de dados FACES, foram feitas duas fases de testes, uma para avaliar a nacionalidade e a faixa etária e outra fase para avaliar a aparência. Na primeira fase foram feitos dois testes, cada um com um conjunto diferente de imagens, o primeiro teste teve 47 pessoas e o segundo teste teve 36 respostas. Na segunda fase foram testadas apenas as imagens que correspondiam aos parâmetros de idade e nacionalidade pretendidos para cada imagem após a primeira fase do pré-teste, a este teste obtiveram-se 27 respostas.

Na tabela 2, são apresentadas as imagens (com a respetiva identificação) que foram selecionadas após a primeira fase do pré-teste e as percentagens de resposta a cada um dos parâmetros. Os dados completos referentes a todas as imagens testadas podem ser consultados no anexo II.

Imagem	Nacionalidade	Faixa etária
1 	1 – 2.1% 2 – 4.3 % 3 – 10.6% 4 – 29.8% 5 – 44.7% 6 – 6.4% 7 – 2.1% Média = 4.42	Menor de 18 anos – 0% 18 a 24 anos – 0% 25 a 32 anos – 0% 33 a 64 anos – 2.1% 65 a 80 anos – 91.5% 81 a 90 anos – 6.4% Faixa etária = idoso
10 	1 – 10.6% 2 – 10.6% 3 – 10.6% 4 – 21.3% 5 – 21.3% 6 – 21.3% 7 – 4.3% Média = 4.22	Menor de 18 anos – 0% 18 a 24 anos – 0% 25 a 32 anos – 0% 33 a 64 anos – 42.6% 65 a 80 anos – 51.1% 81 a 90 anos – 6.4% Faixa etária = idoso

11		1 – 4.3% 2 – 2.1% 3 – 4.3% 4 – 17% 5 – 25.5% 6 – 36.2% 7 – 10.6% Média = 5.28	Menor de 18 anos – 14.9% 18 a 24 anos – 44.7% 25 a 32 anos – 34% 33 a 64 anos – 6.4% 65 a 80 anos – 0% 81 a 90 anos – 0% Faixa etária = jovem
14		1 – 12.8% 2 – 2.1% 3 – 19.1% 4 – 34% 5 – 17% 6 – 14.9% 7 – 0% Média = 4.06	Menor de 18 anos – 34% 18 a 24 anos – 31.9% 25 a 32 anos – 31.9% 33 a 64 anos – 2.1% 65 a 80 anos – 0% 81 a 90 anos – 0% Faixa etária = jovem
15		1 – 2.1% 2 – 10.6% 3 – 17% 4 – 31.9% 5 – 14.9% 6 – 12.8% 7 – 10.6% Média = 4.36	Menor de 18 anos – 0% 18 a 24 anos – 0% 25 a 32 anos – 2.1% 33 a 64 anos – 12.8% 65 a 80 anos – 70.2% 81 a 90 anos – 14.9% Faixa etária = idoso
17		1 – 0% 2 – 2.8% 3 – 30.6% 4 – 25% 5 – 30.6% 6 – 11.1% 7 – 0% Média = 4.16	Menor de 18 anos – 0% 18 a 24 anos – 0% 25 a 32 anos – 0% 33 a 64 anos – 25% 65 a 80 anos – 75% 81 a 90 anos – 0% Faixa etária = idoso
19		1 – 2.8% 2 – 11.1% 3 – 11.1% 4 – 22.2% 5 – 30.6% 6 – 13.9% 7 – 8.3% Média = 4.41	Menor de 18 anos – 0% 18 a 24 anos – 27.8% 25 a 32 anos – 69.4% 33 a 64 anos – 2.8% 65 a 80 anos – 0% 81 a 90 anos – 0% Faixa etária = jovem
22		1 – 0% 2 – 5.6% 3 – 13.9% 4 – 13.9% 5 – 25% 6 – 30.6% 7 – 11.1% Média = 4.94	Menor de 18 anos – 0% 18 a 24 anos – 0% 25 a 32 anos – 0% 33 a 64 anos – 8.3% 65 a 80 anos – 75% 81 a 90 anos – 16.7% Faixa etária = idoso

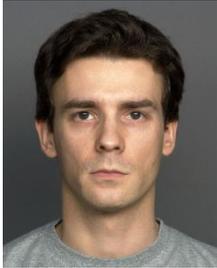
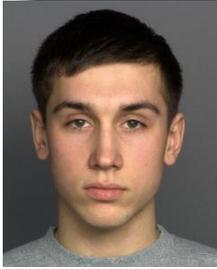
27		1 – 0% 2 – 8.3% 3 – 13.9% 4 – 19.4% 5 – 25% 6 – 25% 7 – 8.3% Média = 4.69	Menor de 18 anos – 0% 18 a 24 anos – 11.1% 25 a 32 anos – 75% 33 a 64 anos – 13.9% 65 a 80 anos – 0% 81 a 90 anos – 0% Faixa etária = jovem
28		1 – 5.6% 2 – 11.1% 3 – 19.4% 4 – 19.4% 5 – 27.8% 6 – 11.1% 7 – 5.6% Média = 4.08	Menor de 18 anos – 47.2% 18 a 24 anos – 47.2% 25 a 32 anos – 5.6% 33 a 64 anos – 0% 65 a 80 anos – 0% 81 a 90 anos – 0% Faixa etária = jovem

Tabela 2: Dados das imagens selecionadas na primeira fase do pré-teste.

Para serem selecionadas nesta primeira fase, as imagens tinham de ter uma média de nacionalidade igual ou superior a 4 e a faixa etária atribuída teria de corresponder à faixa etária real (indicada nas informações da base de dados).

As imagens referidas foram então testadas relativamente à aparência, tendo sido obtidos os resultados apresentados na tabela 3.

Identificação	Média da aparência
1	1.71
10	1.95
11	2.19
14	2.19
15	1.81
17	1.95
19	2.00
22	1.86
27	2.19
28	1.90

Tabela 3 – Média dos resultados da aparência

As médias das imagens dos jovens foram comparadas com as médias das imagens dos idosos para avaliar se as diferenças entre as médias eram significativas. Comparando as 10 imagens, verifica-se que existe diferença significativa, portanto, foram eliminadas

as duas imagens com os valores mais extremados – no caso dos idosos foi excluída a imagem 1 com uma média de aparência de 1.71, por outro lado, no caso dos jovens o valor de aparência mais alto era de 2.19 (imagens 11 e 14), sendo excluída a imagem 14 por, das duas, ser a imagem com avaliação de nacionalidade inferior.

Desta forma, do pré-teste ficaram selecionadas 8 imagens, 4 de jovens (as imagens 11, 19, 27 e 28) e 4 de idosos (10, 15, 17 e 22).

Pré-teste da base de dados Minear e Park

A base de dados elaborada pelo laboratório *Park Aging Mind* foi validada para a população portuguesa por Ramos, Oliveira, Santos, Garcia-Marques e Carneiro (2016). Esta base de dados é composta por 576 faces de indivíduos de ambos os géneros, de várias etnias e com idades compreendidas entre os 18 e os 93 anos (Minear & Park, 2004). As imagens recolhidas compreendem as expressões neutra e feliz.

No caso desta base de dados, foi feita uma pré-seleção de 30 imagens para testar em relação à nacionalidade e à aparência num único pré-teste que obteve o total de 25 respostas. Na tabela 4 são apresentadas as imagens que cumpriam os requisitos de nacionalidade e faixa etária (os critérios foram os mesmos do que os que foram utilizados na base de dados FACES). A consulta dos resultados de todas as imagens desta base de dados pode ser feita no anexo III.

Imagem	Resultados
2 	Média de nacionalidade = 4,08 Faixa etária = jovem Aparência = relativamente bem-parecido
7 	Média de nacionalidade = 5,24 Faixa etária = idoso Aparência = relativamente bem-parecido
10 	Média de nacionalidade = 4,44 Faixa etária = idoso Aparência = relativamente bem-parecido

15		Média de nacionalidade = 4,32 Faixa etária = jovem Aparência = relativamente bem-parecido
16		Média de nacionalidade = 4,08 Faixa etária = jovem Aparência = relativamente bem-parecido
24		Média de nacionalidade = 4,08 Faixa etária = jovem Aparência = nada bem-parecido
26		Média de nacionalidade = 4,28 Faixa etária = jovem Aparência = relativamente bem-parecido
28		Média de nacionalidade = 4,04 Faixa etária = jovem Aparência = nada bem-parecido
30		Média de nacionalidade = 4,08 Faixa etária = idoso Aparência = relativamente bem-parecido

Tabela 4 – Resultados do pré-teste da base de dados Minear e Park

Numa análise à tabela 4 pode verificar-se que, de acordo com o pré-teste, ficaram selecionadas 10 imagens, sendo 3 correspondentes a idosos e 7 imagens correspondentes a jovens. Assim sendo, e uma vez que para o ITB é necessário o mesmo número de imagens de ambos os grupos, ficariam apenas selecionadas 3 imagens de cada faixa etária, pelo que foi feita a opção de prosseguir com a base de dados FACES, visto que desta resultaram 4 faces de cada faixa etária.

1.2.2. Termos

Para a implementação do ITB foram também selecionados termos, neste caso, adjetivos, que não fossem considerados estereotípicos para nenhuma das faixas etárias em questão. Ou seja, adjetivos que não estejam mais associados a uma faixa etária do que a outra.

Foram selecionados termos de artigos acerca de discriminação, estereótipos e escalas de classificação da personalidade. Foram selecionados os adjetivos que apareciam com mais frequência nos artigos. Uma vez que os artigos utilizados estavam em inglês e, conseqüentemente os termos listados também, foi feita uma tradução dos termos para a língua portuguesa. No total, foram recolhidos 30 termos que, posteriormente foram pré-testados relativamente à sua associação com cada uma das faixas etárias estudadas no estudo. Desta forma averiguou-se quais os termos que eram considerados estereotípicos relativamente a cada uma das faixas etárias e quais os termos que, pelo contrário eram associados de igual modo a ambas as faixas etárias. Os testes foram feitos *on-line* através dos formulários da *Google*, com recurso a uma escala de Likert, tal como demonstrado na figura 4.

A qual das faixas etárias considera que cada um dos seguintes termos está mais associado? *

	mais associado a idoso	2	3	4	5	6	mais associado a jovem
sincero	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Figura 4 – Exemplo das questões do pré-teste dos termos

A este pré-teste foram obtidas 27 respostas e, para analisar os resultados considerou-se que todas as palavras que tivessem um valor médio de resposta entre 3,5 e 4,5 seriam consideradas como não sendo estereotípicas de nenhuma das faixas etárias. Além disto, foi também feita uma análise à significância, sendo consideradas as imagens com valores superiores a 0,5. Na tabela 5 podem verificar-se os termos que foram considerados tendo em conta estes dois fatores.

	MÉDIA	SIG. (2-TAILED)
Interessante	3,8148	0,847
Dependente	3,7037	0,515
Simpático	3,963	0,905
Maravilhoso	3,9259	0,795
Desagradável	3,7778	0,537
Horrível	3,9259	0,821
Habilidoso	3,8148	0,568
Orgulhoso	3,7778	0,593
Charmoso	4,1481	0,678
Encantador	4,1852	0,510
Fabuloso	4,0741	0,821
Desonesto	3,963	0,917
Ignorante	3,9259	0,847

Tabela 5 – Termos selecionados por serem considerados não estereotípicos

A título de exemplo, são apresentados na tabela 6 os termos que foram considerados como estereotípicos, ou seja, mais associados a uma das faixas etárias.

	MÉDIA	SIG. (2-TAILED)
Sincero	3,037	0,010
Exigente	3,1481	0,023
Intrometido	3,2963	0,132
Amigável	3,7407	0,395
Teimoso	2,8519	0,005
Favorável	3,7778	0,464
Perturbador	3,3704	0,094
Irritante	4,2963	0,456
Ofensivo	4,4074	0,331
Repulsivo	3,1481	0,022
Decadente	2,4444	0,000
Incomodativo	3,7407	0,488
Trabalhador	2,963	0,000
Honesto	2,8889	0,001
Mentiroso	4,5185	0,179
Preguiçoso	4,5556	0,177

Tabela 6 – Termos testados que foram considerados estereotípicos

Uma vez que no ITB são utilizados termos com valência positiva e com valência negativa, decidiu-se que os termos positivos e os termos negativos deviam ser antónimos. Além disso, foi também tida em conta a frequência lexical dos termos que seriam utilizados. A frequência lexical foi avaliada de acordo com o corpus de frequências lexicais do Centro de Linguística³, e foram selecionadas palavras cuja frequência lexical fosse igual ou superior a 2. Uma vez que algumas das palavras selecionadas tinham frequências relativamente reduzidas, foi feita a avaliação de alguns sinónimos.

Para garantir que o tamanho das palavras era semelhante foi também tido em conta o número de sílabas de cada uma das palavras avaliadas para garantir homogeneidade, sendo consideradas as palavras que tivessem entre 3 a 5 sílabas.

Após estes processos de seleção foram selecionados 12 termos para o paradigma, 6 positivos (3 referentes a aspetos físicos e 3 referentes a aspetos psicológicos) e 6 negativos (3 referentes a aspetos físicos e 3 referentes a aspetos psicológicos). Na tabela 7 estão especificados os termos que foram depois utilizados no paradigma, sendo identificados relativamente à valência, ao que caracterizam (se uma característica física ou psicológica) e à frequência. De notar que os termos selecionados são, em alguns casos, sinónimos dos termos que se utilizaram inicialmente.

	Positivo	Negativo
Personalidade	Interessante (3 frequência)	Aborrecido (2 frequência)
	Autónomo (2,5 frequência)	Dependente (2,5 frequência)
	Simpático (2,5 frequência)	Ofensivo (2 frequência)
Físico	Agradável (2,5 frequência)	Desagradável (2 frequência)
	Maravilhoso (2 frequência)	Horrível (2 frequência)
	Magnífico (2,5 frequência)	Péssimo (2 frequência)

Tabela 7 – Adjetivos selecionados após o pré-teste

1.3. Procedimentos

A experiência foi feita nas instalações da Faculdade de Letras. Antes de iniciar a experiência, os participantes eram informados que iam participar num estudo de formação

³ Consultado em www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/lmcp/

de impressões e que as respostas deviam ser dadas o mais rapidamente possível face à informação apresentada.

1.3.1. E-Prime

O *script* para a experiência foi construído com recurso ao software E-Prime (2.0), no programa E-Studio. A experiência foi construída seguindo o modelo apresentado no estudo de Vala e colegas (2012).

No início da experiência é feita a ativação de categorização, que consiste na avaliação da faixa etária dos sujeitos retratados nas imagens (de notar que as imagens utilizadas para esta tarefa foram as mesmas imagens que serviram para avaliar o ITB). Depois desta fase inicia-se, imediatamente a seguir, o teste de formação de impressões em que são apresentados termos e imagens em ordem aleatória, sendo que cada uma das imagens é apresentada em simultâneo com um estímulo. Entre cada um dos ensaios é feita uma interrupção de 1000 milissegundos em que é apresentado um ponto de fixação (+).

1.4. Resultados

As nossas hipóteses foram testadas por meio de uma análise de variância fatorial, por meio do seguinte *design*, 2 (alvo: idosos vs. jovens) por 2 (valência: positivo vs. negativo) com os fatores a variar intra-participantes.

Os resultados não revelaram qualquer efeito principal ou de interação significativos. Ou seja, os resultados revelaram que nenhum dos efeitos principais foi significativo ($F(1, 53) = 1,91, \rho = 0,17, \eta_p^2 = 0.04$; $F(1, 53) = 0,22, \rho = 0,64, \eta_p^2 = 0.04$) nem o efeito de interação ($F(1, 53) = 2,41, \rho = 0,12, \eta_p^2 = 0.04$).

Na tabela 8, podem ser verificados os valores de média e de desvio-padrão relativos aos dados obtidos na experiência 1.

	Média	Desvio-padrão
Imagem jovem, termo negativo	1862,7269	783,04804
Imagem jovem, termo positivo	1779,3553	600,20211
Imagem idoso, termo negativo	1730,2975	509,32669
Imagem idoso, termo positivo	1777,5845	528,64680

Tabela 8 – Valores de média e de desvio-padrão dos resultados da experiência 1

Apesar disto, e dado que tínhamos hipóteses específicas para este estudo, resolvemos seguir os procedimentos recomendados por Judd, McClelland & Culhane (1995) de modo que analisámos os contrastes planeados (com um grau de liberdade) observando o efeito ITB consoante a valência dos traços. Como podemos observar na tabela 8, os participantes investiram mais tempo ao atribuir traços negativos aos jovens do que aos idosos, ($F(1, 53) = 3,51, \rho = 0,06, \eta_p^2 = 0,06$). Este efeito não foi observado na atribuição de traços positivos ($F(1, 53) = 0,001, \rho = 0,97, \eta_p^2 = 0,00$). Assim, no presente estudo, o efeito ITB ocorreu apenas quando os participantes avaliaram os alvos usando traços negativos.

1.5. Discussão

A hipótese para a primeira experiência postulava que os jovens portugueses apresentariam discriminação subtil em relação a idosos, investindo mais tempo na formação de impressões de membros do seu grupo (jovens) relativamente ao tempo investido formando impressões com membros do outro grupo (idosos). E, esta hipótese seguiria outros estudos acerca de discriminação, como é exemplo o estudo de Vala e colegas (2012). No entanto, os resultados obtidos na primeira experiência não corresponderam totalmente à hipótese colocada, uma vez que apenas se verificou o efeito ITB quando os traços tinham uma valência negativa. Estes resultados foram inesperados na medida em que ao acontecer apenas para uma das valências, esperávamos que o efeito ITB ocorresse apenas para os traços positivos, tendo em conta outros estudos com ITB e também as várias teorias que suportam o ITB.

Segundo a teoria da identidade social de Tajfel, os indivíduos procuram sempre ver o próprio grupo como positivo, uma vez que o grupo influencia e traduz, por vezes, a autoimagem do indivíduo (Tajfel & Turner, 1979). Isto é, de forma a manter e assegurar a imagem positiva do endogrupo, os sujeitos rejeitam à partida que os elementos do endogrupo possam ser caracterizados negativamente, pelo que reagem a informações negativas acerca do endogrupo com base nas categorias que têm em memória para o próprio grupo, ou seja, quando os elementos do endogrupo são apresentados associados a termos negativos, o sujeito não percorre o *continuum* descrito por Fiske e Neuberg (1990), pelo que as respostas seriam mais rápidas economizando recursos cognitivos (Marques & Paéz, 2000).

Por outro lado, uma explicação para que os indivíduos despendam mais tempo quando lhes é apresentada a imagem de um membro do endogrupo associada a uma valência positiva poderá estar na tendência a disponibilizar mais recursos cognitivos e a individualizar mais o sujeito, percorrendo assim o *continuum* descrito por Fiske e Neuberg (1990) e demorando mais tempo a formular uma impressão.

2. Estudo 2

Após o estudo 1, procurámos desenhar um segundo estudo que se aproximasse mais do contexto de interação real. Assim, sendo, foram criados e registados estímulos sonoros a partir dos termos usados no estudo 1 e foi feita também a respetiva adaptação do *script* para integrar este tipo de estímulos.

2.1. Participantes

Os participantes deste estudo foram voluntários recrutados dentro da população de estudantes universitários da Universidade de Lisboa, tendo idades compreendidas entre os 18 e os 33 anos. Para este estudo foram recrutados 40 participantes, sendo 35 do género feminino e 5 do género masculino, com uma média de idades de 22.1 anos.

2.2 Materiais

Na segunda experiência foram utilizadas as mesmas fotos e os mesmos termos que na primeira experiência, no entanto foi necessário gravar os termos não-estereotípicos para que fossem apresentados como estímulos auditivos. Assim, serão apresentados os procedimentos da gravação dos termos e do seu posterior tratamento e seleção, sendo também referidas as alterações ao *script* de e-prime para acomodar os estímulos auditivos.

2.2.1. Estímulos auditivos

Os estímulos auditivos foram gravados por um ator voluntário, nas cabines de interpretação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com o apoio da professora Isabel Falé e da professora Armanda Costa. O equipamento utilizado foi o gravador portátil Roland R-26, sendo que o som foi gravado em sistema estéreo.

Antes de se proceder à gravação foi, no entanto, necessário preparar os termos, integrando-os em frases para que a palavra soasse de forma mais natural. A integração dos termos selecionados em frases teve de incorporar alguns aspetos fundamentais para a compreensão não só da palavra mas também do tom de voz pretendido.

Deste modo, as frases foram construídas de modo a que a palavra-alvo não ficasse numa fronteira do enunciado (ou seja, nem no início nem no final das frases). Além disso, para evitar fenómenos de sândi externo, foi necessário que a palavra-alvo estivesse separada das restantes, para isso, escolheram-se palavras que terminassem em sílaba com coda e a palavra-alvo foi colocada entre vírgulas. Estas duas medidas fizeram com que,

obrigatoriamente, a palavra-alvo ficasse destacada em relação às restantes, o que facilitou, posteriormente, a edição do som.

Para além destes aspetos e, uma vez que se pretendia frases em dois tons de voz diferentes, foram elaborados dois conjuntos de frases, um conjunto em que o tom de voz a produzir seria neutro e outro conjunto em que o tom de voz seria irónico. Para garantir essa produção cada conjunto de frases tinha um contexto determinante do tom de voz, sendo que no caso das frases que deveriam ser produzidas em tom neutro, a frase era coerente e, por outro lado, as frases que deveriam ser produzidas em tom irónico tinham, à direita da palavra-alvo, um contexto incoerente com o sentido da restante frase. Assim sendo, as frases foram cedidas previamente ao ator voluntário para que este pudesse fazer uma leitura antecipada.

A tabela 9 apresenta as frases que foram utilizadas para a gravação, sendo que a palavra-alvo de cada frase está apresentada a negrito.

Frases para tom neutro	Frase para tom irónico
O filme foi tão original, interessante , que me deixou a pensar.	O filme foi tão original, interessante , que dormi o tempo todo.
O concerto foi tão maçador, aborrecido , que adormeci na segunda parte.	O concerto foi tão maçador, aborrecido , que dançámos a noite inteira.
O circuito eletrónico é tão útil, autónomo , que trabalha dia e noite.	O circuito eletrónico é tão útil, autónomo , que está sempre a falhar.
A mulher é tão insegura, dependente , que pede sempre a opinião da amiga.	A mulher é tão insegura, dependente , que decide tudo sozinha.
O funcionário foi tão prestável, simpático , que até deixei uma gorjeta.	O funcionário foi tão prestável, simpático , que fiz uma reclamação.
O chefe foi tão desagradável, antipático , que a funcionária até chorou.	O chefe foi tão desagradável, antipático , que a funcionária até chorou de alegria.
O espetáculo foi tão encantador, agradável , que vou recomendá-lo aos meus amigos.	O espetáculo foi tão encantador, agradável , que todas as críticas foram negativas.
O ambiente estava tão pesado, desagradável , que todos se queixaram do ruído excessivo.	O ambiente estava tão pesado, desagradável , que ficaram lá a noite toda a conversar.

O baile foi tão divertido, maravilhoso , que ninguém queria ir embora.	O baile foi tão divertido, maravilhoso , que ninguém dançou uma única dança.
O discurso do presidente foi tão lastimável, horrível , que a população respondeu com greves.	O discurso do presidente foi tão lastimável, horrível , que os ouvintes o aplaudiram de pé e com alegria.
O jardim é tão incrível, magnífico , que atrai gente de todas as idades.	O jardim é tão incrível, magnífico , que ninguém o visita.
O resultado do exame foi desanimador, péssimo , todos os alunos tiveram negativa.	O resultado do exame foi desanimador, péssimo , todos os alunos tiveram nota máxima.

Tabela 9 – Frases utilizadas nas gravações

Cada uma das frases apresentadas foi gravada várias vezes. Não obstante ao facto de o ator ter tido as frases previamente, houve também uma indicação específica relativamente ao tom de voz no decorrer das gravações, assim, nas frases em que se pretendia obter uma produção em tom neutro, o ator foi instruído para fazer uma interpretação o mais simples, natural e neutra possível. Por outro lado, nas frases em que se pretendia uma produção marcada, pediu-se ao ator que fizesse interpretações irónicas/sarcásticas, o que resultou em várias produções diferentes das mesmas frases, por sua vez resultando em palavras-alvo com produções diferentes.

Todas as frases gravadas foram editadas no programa Audacity 2.1.3 de forma a extrair apenas a palavra-alvo respetiva e alterar as configurações do som por uma questão de compatibilidade com o programa E-Prime, nomeadamente alterar o sistema de reprodução do som para um sistema monofónico e colocar o som no formato *.wav*.

Uma vez que não existem métodos objetivos para avaliar a prosódia, os ficheiros de áudio foram submetidos a um teste para avaliar se os tons de voz utilizados correspondiam ao que era pretendido. Era pedido aos sujeitos que comparassem duas reproduções da mesma palavra-alvo, com as hipóteses de resposta “com o mesmo tom de voz” e “com tons de voz diferentes”, sendo que caso fosse escolhida a segunda opção era questionado qual o tom que associavam a cada uma das palavras. Na figura 5 é apresentado um exemplo das questões colocadas.

Considera que as palavras acima foram ditas *

- Com o mesmo tom de voz
- Com tons de voz diferentes

Relativamente à primeira palavra, indique qual o tipo de tom de voz que foi utilizado *

- Irónico
- Neutro
- Outro

Relativamente à segunda palavra, indique qual o tipo de tom de voz que foi utilizado *

- Irónico
- Neutro
- Outro

Figura 5 – Exemplo do pré-teste dos tons de voz

Estas questões foram colocadas através dos formulários disponibilizados pelo *Google* e foram obtidas 33 respostas no total, sendo que foram eliminadas quatro palavras devido ao facto de os tons não corresponderem ao pretendido, nomeadamente no que concerne à entoação irónica. Desta forma, ficaram seleccionados para o teste ITB 8 termos, dos quais 4 são positivos (sendo que destes se verificam 2 físicos e 2 psicológicos) e 4 são negativos (sendo 2 positivos e 2 negativos), tendo-se mantido a mesmas condições de oposição entre os termos negativos e positivos. Ficaram seleccionados os termos “antipático”, “péssimo”, “dependente”, “desagradável”, “autónomo”, “agradável”, “maravilhoso” e “simpático”.

2.3. Procedimentos

Tal como aconteceu na primeira experiência, a segunda experiência teve lugar na Faculdade de Letras, sendo que os procedimentos seguidos foram os mesmos que foram utilizados para a primeira experiência, sendo apenas acrescentada a informação que iriam

ouvir palavras durante o teste. De notar que todos os participantes efetuaram o teste utilizando auscultadores para ouvirem os estímulos.

2.3.1. E-Prime

O *script* utilizado na segunda experiência é semelhante ao da primeira experiência, sendo a única diferença o método de apresentação dos termos. Neste caso, em cada um dos ensaios era apresentada a palavra no formato de áudio em simultâneo com a apresentação da imagem. Os restantes aspetos do *script* permaneceram iguais.

2.4. Resultados

As nossas hipóteses foram testadas por meio de uma análise de variâncias fatorial, por meio do seguinte *design*, 2 (alvo: idosos vs. jovens) por 2 (valência: positivo e negativo) por 2 (tom: neutro e irónico) com os fatores a variar intra-participantes.

Os resultados não revelaram qualquer efeito principal ou de interação significativos, sendo que nenhum dos efeitos principais foi significativo ($F(1, 39) = 0,24, \rho = 0,88, \eta_p^2 = 0,01$; $F(1, 39) = 2,77, \rho = 0,10, \eta_p^2 = 0,07$; $F(1, 39) = 0,58, \rho = 0,45, \eta_p^2 = 0,01$) nem o efeito de interação ($F(1, 39) = 0,65, \rho = 0,80, \eta_p^2 = 0,02$). Na tabela 10 são apresentados os valores de média e desvio padrão que resultara dos dados recolhidos.

Tom de voz	Valência	Faixa etária (imagem)	Média	Desvio-padrão
Neutro	Positivo	Jovem	1690,292	54,751
		Idoso	1685,589	62,990
	Negativo	Jovem	1728,628	57,490
		Idoso	1743,775	58,771
Irónico	Positivo	Jovem	1722,866	50,506
		Idoso	1709,047	49,482
	Negativo	Jovem	1754,450	44,853
		Idoso	1744,930	44,151

Tabela 10 – Valores de média e de desvio-médio

Apesar disto, e tendo em conta que tínhamos hipóteses específicas para este estudo, resolvemos seguir os procedimentos recomendados por Judd e colegas (1995) de

modo que analisamos os contrastes planeados observando o efeito ITB de acordo com o tipo de traço. No entanto, esta análise também não revelou resultados significativos no tom neutro ($F(1, 39) = 0,01, \rho = 0,91, \eta_p^2 = 0.00$) nem em relação ao tom irónico ($F(1, 39) = 0,07, \rho = 0,78, \eta_p^2 = 0.002$).

2.5. Discussão

Para a segunda experiência foram formuladas duas hipóteses, uma para a interação do tom de voz neutro com o ITB e outra para a interação do tom de voz irónico com o ITB.

A primeira hipótese sugeria que, quando o estímulo auditivo era neutro, o efeito do ITB se iria manter nos mesmos moldes em que se verificou para a primeira experiência, visto que apenas se alteraria a modalidade de apresentação do estímulo e não seriam adicionadas pistas. Esta hipótese não foi confirmada pela segunda experiência, verificando-se que não existiam diferenças significativas entre as médias dos tempos de resposta para esta condição. Uma vez que os estímulos foram apresentados apenas na modalidade auditiva, o facto de não existir qualquer efeito pode ser uma consequência direta da modalidade de apresentação do estímulo. Deste modo, os estudos ITB que integrem informação sonora no futuro terão de ser desenhados de forma diferente da apresentada neste trabalho.

A segunda hipótese sugeria que o tom de voz irónico iria sobrepor-se ao efeito ITB, uma vez que a informação prosódica é assimilada em fases muito precoces de compreensão do discurso (Schumacher & Baumann, 2010). Neste caso era apresentada informação adicional, que leva a que as expectativas do participante sejam anuladas, uma vez que é disponibilizada informação além da dada pelas categorias. Apesar de não se terem verificado diferenças em relação às médias de resposta, não podemos concluir com certezas que o efeito ITB não existe devido à informação prosódica, uma vez que este efeito também não se verificou na condição de tom neutro.

O estudo 2 tinha um propósito exploratório, pretendendo-se articular aspetos da psicologia social com aspetos da linguística, de modo a abordar este tema de uma forma mais aproximada com as interações que acontecem na realidade entre os vários grupos, visto que a linguagem é uma via de comunicação extremamente relevante no quotidiano. A falta de resultados significativos neste estudo revela que esta articulação carecerá de uma abordagem empírica mais sistemática. Pistas para esta abordagem no futuro são dadas no ponto seguinte.

4. Conclusão

O tempo é um recurso muito importante para a formação de impressões acerca de outras pessoas. É através da análise do tempo que os indivíduos despendem a avaliar os outros que se podem compreender fenómenos de discriminação subtil. Um dos métodos utilizados nessa avaliação é o ITB.

Neste trabalho, o ITB foi utilizado para estudar um tema que ainda não tinha sido focado em Portugal, a avaliação da discriminação de jovens contra idosos. Este é um tema relevante devido às alterações da estrutura social que estão em curso devido ao aumento da esperança média de vida. Assim sendo, revela-se importante compreender em que medida a sociedade se está a adaptar ao aumento da percentagem de população idosa. Assim sendo, o trabalho apresentado consistiu em duas experiências, uma com o ITB clássico e a outra com uma versão modificada do ITB. Com a segunda experiência pretendeu-se aproximar o âmbito dos testes ao contexto real, sendo que para isso foram adicionados estímulos sonoros com tom neutro e tom marcado (irónico).

Os resultados da primeira experiência confirmaram parcialmente a primeira hipótese. No entanto, a segunda experiência, com a qual pretendíamos estudar ambas as hipóteses colocadas, não confirmou nenhuma das hipóteses. É possível que o desenho da segunda experiência tenha influenciado negativamente os resultados, uma vez que poderá ter existido um efeito de memorização dos estímulos sonoros, ou seja, o estímulo sonoro de um ensaio poderá ter tido influência nos ensaios seguintes. Futuramente, essa questão terá de ser contornada para se poder responder à segunda hipótese colocada nesta tese. São colocadas várias hipóteses para controlar esta questão, (1) poderá fazer-se a introdução de estímulos visuais intercalados com estímulos auditivos; (2) poderá ser feito um estudo com manipulação *between*, em que metade dos participantes lê o termo e a outra metade ouve o termo, sendo que destes metade ouve o estímulo com o tom neutro e a outra metade ouve o estímulo com tom irónico; (3) poderá fazer-se um ITB em que os estímulos são inteiramente auditivos, ou seja, os participantes ouvem os termos ditos por sujeitos jovens e por sujeitos idosos.

5. Referências Bibliográficas

- Allport, G. W. (1954). *The Nature of Prejudice*. New York: Addison.
- Amâncio, L. (2000). Identidade social e relações intergrupais. In J. Vala & M. B Monteiro (Eds.), *Psicologia Social (4ª edição)* (387-409). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ashburn-Nardo, L., Voils, C. I., & Monteith, M. J. (2001). Implicit associations as the seeds of intergroup bias: How easily do they take root?. *Journal of personality and social psychology*, 81(5), 789-799.
- Birch, S., & Clifton, C. (1995). Focus, accent, and argument structure: Effects on language comprehension. *Language and speech*, 38(4), 365-391.
- Bugental, D. E. (1974). Interpretations of naturally occurring discrepancies between words and intonation: Modes of inconsistency resolution. *Journal of Personality and Social Psychology*, 30(1), 125.
- Ebner, N. C., Riediger, M., & Lindenberger, U. (2010). FACES—A database of facial expressions in young, middle-aged, and older women and men: Development and validation. *Behavior research methods*, 42(1), 351-362.
- Eckert, P. (2012). Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual review of Anthropology*, 41, 87-100.
- Egan, O. (1980). Intonation and meaning. *Journal of Psycholinguistic Research*, 9(1), 23-39.
- Fiske, S. T., Cuddy, A. J., Glick, P., & Xu, J. (2002). A model of (often mixed) stereotype content: competence and warmth respectively follow from perceived status and competition. *Journal of personality and social psychology*, 82(6), 878.
- Fiske, S. T., & Neuberg, S. L. (1990). A continuum of impression formation, from category-based to individuating processes: Influences of information and motivation on attention and interpretation. *Advances in experimental social psychology*, 23, 1-74.

- Garstka, T. A., Schmitt, M. T., Branscombe, N. R., & Hummert, M. L. (2004). How young and older adults differ in their responses to perceived age discrimination. *Psychology and aging*, 19, 326-335.
- Greenberg, J., Schimel, J., & Martens, A. (2002). Ageism: Denying the face of the future. *Ageism: Stereotyping and prejudice against older persons*, 27-48.
- Hirschberg, J. (1991). Using discourse context to guide pitch accent decisions in synthetic speech. In *The ESCA Workshop on Speech Synthesis*.
- Instituto Camões (2006). *Sândi externo ou o encontro de palavras*. Consultado em http://cvc.instituto-camoes.pt/cpp/acessibilidade/capitulo9_1.html
- Ito, K., & Speer, S. R. (2008). Anticipatory effects of intonation: Eye movements during instructed visual search. *Journal of Memory and Language*, 58(2), 541-573.
- Judd, C. M., McClelland, G. H., & Culhane, S. E. (1995). Data analysis: Continuing issues in the everyday analysis of psychological data. *Annual review of psychology*, 46(1), 433-465.
- Kawakami, K., Young, H., & Dovidio, J. F. (2002). Automatic stereotyping: Category, trait, and behavioral activations. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28(1), 3-15.
- LaPlante, D., & Ambady, N. (2002). Saying It Like It Isn't: Mixed Messages From Men and Women in the Workplace¹. *Journal of Applied Social Psychology*, 32(12), 2435-2457.
- Laplante, D., & Ambady, N. (2003). On How Things Are Said Voice Tone, Voice Intensity, Verbal Content, and Perceptions of Politeness. *Journal of Language and Social Psychology*, 22(4), 434-441.
- Lima, Marques, Batista & Ribeiro (2010a) *Idadismo na Europa. Uma abordagem psicossociológica com foco no caso português – Parte I*. Lisboa: Instituto do Envelhecimento da Universidade de Lisboa.
- Lima, Marques, Batista & Ribeiro (2010b) *Idadismo na Europa. Uma abordagem psicossociológica com foco no caso português – Parte II*. Lisboa: Instituto do Envelhecimento da Universidade de Lisboa.

- Marques, J., Paéz, D. (2000). Processos cognitivos e estereótipos sociais. In J. Vala & M. B Monteiro (Eds.), *Psicologia Social (4ª edição)* (333-386). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Mateus, M. H. M. (2004). Estudando a melodia da fala: traços prosódicos e constituintes prosódicos. *Palavras-Revista da Associação de Professores de Português*, 28, 79-98.
- Mateus, M., Brito, A., Duarte, A., Faria, I., Frota, S., Matos, G., Oliveira, F., Vigário, M., Villalva, A. (2005). Gramática da Língua portuguesa. (5ª edição). Lisboa: Editorial Caminho.
- McAlear, P., Todorov, A., & Belin, P. (2014). How do you say ‘Hello’? Personality impressions from brief novel voices. *PloS one*, 9(3), e90779.
- Minear, M., & Park, D. C. (2004). A lifespan database of adult facial stimuli. *Behavior Research Methods, Instruments, & Computers*, 36(4), 630-633. Monteiro, M. B. (2000). Conflito e negociação entre grupos. In J. Vala & M. B Monteiro (Eds.), *Psicologia Social (4ª edição)* (411-456). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Mozziconacci, S. J., & Hermes, D. J. (1999). Role of intonation patterns in conveying emotion in speech. *ICPhS 1999, 2001-2004*.
- Organização Mundial de Saúde (2015). Global Health Observatory data repository – Life expectancy, Data by country. <http://apps.who.int/gho/data/view.main.680>
- Ramos, T., Oliveira, M., Santos, A. S., Garcia-Marques, L., & Carneiro, P. (2016). Evaluating young and old faces on social dimensions: Trustworthiness and dominance. *Psicológica*, 37(2).
- Regenbogen, C., Schneider, D. A., Gur, R. E., Schneider, F., Habel, U., & Kellermann, T. (2012). Multimodal human communication—targeting facial expressions, speech content and prosody. *Neuroimage*, 60(4), 2346-2356.
- Schirmer, A. (2010). Mark my words: Tone of voice changes affective word representations in memory. *PLoS one*, 5(2), e9080.
- Schumacher, P. B., & Baumann, S. (2010). Pitch accent type affects the N400 during referential processing. *NeuroReport*, 21(9), 618-622.

- Solomon, D., & Ali, F. A. (1975). Influence of verbal content and intonation on meaning attributions of first-and second-language speakers. *The Journal of Social Psychology*, 95(1), 3-9.
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. *The social psychology of intergroup relations*, 33(47), 74.
- Vala, J., Pereira, C. R., Lima, M. E. O., & Leyens, J. P. (2012). Intergroup time bias and racialized social relations. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 38(4), 491-504.
- Vroomen, J., Collier, R., & Mozziconacci, S. J. (1993). Duration and intonation in emotional speech. In *Eurospeech*.
- Wagner, M., & Watson, D. G. (2010). Experimental and theoretical advances in prosody: A review. *Language and cognitive processes*, 25(7-9), 905-945.
- Wennerstrom, A. (1994). Intonational meaning in English discourse: A study of non-native speakers. *Applied linguistics*, 15(4), 399-420.
- Wittenbrink, B., Judd, C. M., & Park, B. (2001). Evaluative versus conceptual judgments in automatic stereotyping and prejudice. *Journal of Experimental Social Psychology*, 37(3), 244-252.

Anexos

Anexo 1 – Exemplo da apresentação dos estímulos do estudo 1

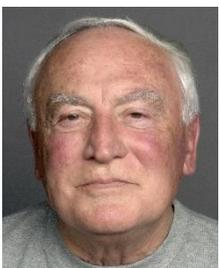
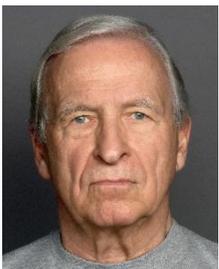
S = SIM



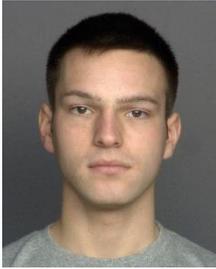
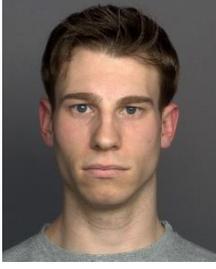
N = NÃO

AGRADÁVEL

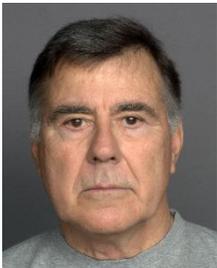
Anexo 2 – Resultados do pré-teste da base de dados FACES

Identificação	Imagem	Nacionalidade	Faixa etária
1		1 – 2.1% 2 – 4.3 % 3 – 10.6% 4 – 29.8% 5 – 44.7% 6 – 6.4% 7 – 2.1% Média = 4.42	Menor de 18 anos – 0% 18 a 24 anos – 0% 25 a 32 anos – 0% 33 a 64 anos – 2.1% 65 a 80 anos – 91.5% 81 a 90 anos – 6.4% Faixa etária = idoso
2		1 – 6.4% 2 – 17 % 3 – 36.2% 4 – 29.8% 5 – 44.7% 6 – 6.4% 7 – 2.1% Média = 3.36	Menor de 18 anos – 0% 18 a 24 anos – 0% 25 a 32 anos – 0% 33 a 64 anos – 25.5% 65 a 80 anos – 68.1% 81 a 90 anos – 6.4% Faixa etária = idoso
3		1 – 21.3% 2 – 31.9% 3 – 25.5% 4 – 12.8% 5 – 4.3% 6 – 4.3% 7 – 0% Média = 2.53	Menor de 18 anos – 0% 18 a 24 anos – 0% 25 a 32 anos – 0% 33 a 64 anos – 42.6% 65 a 80 anos – 44.7% 81 a 90 anos – 12.8% Faixa etária = idoso
4		1 – 12.8% 2 – 21.3% 3 – 23.4% 4 – 19.1% 5 – 12.8% 6 – 10.6%	Menor de 18 anos – 0% 18 a 24 anos – 0% 25 a 32 anos – 0% 33 a 64 anos – 44.7% 65 a 80 anos – 51.1% 81 a 90 anos – 4.3%

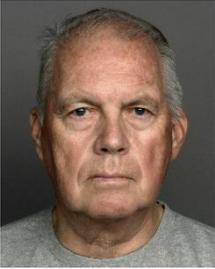
		7 – 0% Média = 3.28	Faixa etária = idoso
5		1 – 4.3% 2 – 10.6% 3 – 21.3% 4 – 27.7% 5 – 25.5% 6 – 8.5% 7 – 2.1% Média = 3.94	Menor de 18 anos – 0% 18 a 24 anos – 53.2% 25 a 32 anos – 44.7% 33 a 64 anos – 2.1% 65 a 80 anos – 0% 81 a 90 anos – 0% Faixa etária = jovem
6		1 – 12.8% 2 – 29.8% 3 – 19.1% 4 – 23.4% 5 – 10.6% 6 – 4.3% 7 – 0% Média = 3.08	Menor de 18 anos – 2.1% 18 a 24 anos – 31.9% 25 a 32 anos – 57.4% 33 a 64 anos – 8.5% 65 a 80 anos – 0% 81 a 90 anos – 0% Faixa etária = jovem
7		1 – 17% 2 – 34% 3 – 19.1% 4 – 19.1% 5 – 6.4% 6 – 4.3% 7 – 0% Média = 2.78	Menor de 18 anos – 0% 18 a 24 anos – 0% 25 a 32 anos – 0% 33 a 64 anos – 14.9% 65 a 80 anos – 70.2% 81 a 90 anos – 14.9% Faixa etária = idoso
8		1 – 2.1% 2 – 14.9% 3 – 19.1% 4 – 36.2% 5 – 17% 6 – 6.4% 7 – 4.3%	Menor de 18 anos – 0% 18 a 24 anos – 0% 25 a 32 anos – 0% 33 a 64 anos – 34% 65 a 80 anos – 61.7% 81 a 90 anos – 4.3%

		Média = 3.86	Faixa etária = idoso
9		1 – 8.5% 2 – 14.9% 3 – 14.9% 4 – 21.3% 5 – 31.9% 6 – 8.5% 7 – 0% Média = 3.78	Menor de 18 anos – 17% 18 a 24 anos – 61.7% 25 a 32 anos – 21.3% 33 a 64 anos – 0% 65 a 80 anos – 0% 81 a 90 anos – 0% Faixa etária = jovem
10		1 – 10.6% 2 – 10.6% 3 – 10.6% 4 – 21.3% 5 – 21.3% 6 – 21.3% 7 – 4.3% Média = 4.22	Menor de 18 anos – 0% 18 a 24 anos – 0% 25 a 32 anos – 0% 33 a 64 anos – 42.6% 65 a 80 anos – 51.1% 81 a 90 anos – 6.4% Faixa etária = idoso
11		1 – 4.3% 2 – 2.1% 3 – 4.3% 4 – 17% 5 – 25.5% 6 – 36.2% 7 – 10.6% Média = 5.28	Menor de 18 anos – 14.9% 18 a 24 anos – 44.7% 25 a 32 anos – 34% 33 a 64 anos – 6.4% 65 a 80 anos – 0% 81 a 90 anos – 0% Faixa etária = jovem
12		1 – 23.4% 2 – 27.7% 3 – 34% 4 – 10.6% 5 – 4.3% 6 – 0% 7 – 0% Média = 2.47	Menor de 18 anos – 4.3% 18 a 24 anos – 42.6% 25 a 32 anos – 44.7% 33 a 64 anos – 8.5% 65 a 80 anos – 0% 81 a 90 anos – 0% Faixa etária = jovem

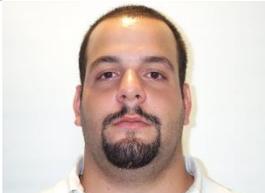
13		1 – 17% 2 – 23.4% 3 – 29.8% 4 – 17% 5 – 8.5% 6 – 2.1% 7 – 2.1% Média = 2.92	Menor de 18 anos – 0% 18 a 24 anos – 0% 25 a 32 anos – 0% 33 a 64 anos – 4.3% 65 a 80 anos – 63.8% 81 a 90 anos – 31.9% Faixa etária = idoso
14		1 – 12.8% 2 – 2.1% 3 – 19.1% 4 – 34% 5 – 17% 6 – 14.9% 7 – 0% Média = 4.06	Menor de 18 anos – 34% 18 a 24 anos – 31.9% 25 a 32 anos – 31.9% 33 a 64 anos – 2.1% 65 a 80 anos – 0% 81 a 90 anos – 0% Faixa etária = jovem
15		1 – 2.1% 2 – 10.6% 3 – 17% 4 – 31.9% 5 – 14.9% 6 – 12.8% 7 – 10.6% Média = 4.36	Menor de 18 anos – 0% 18 a 24 anos – 0% 25 a 32 anos – 2.1% 33 a 64 anos – 12.8% 65 a 80 anos – 70.2% 81 a 90 anos – 14.9% Faixa etária = idoso
16		1 – 0% 2 – 10.6% 3 – 12.8% 4 – 25.5% 5 – 25.5% 6 – 12.8% 7 – 12.8% Média = 4.64	Menor de 18 anos – 0% 18 a 24 anos – 0% 25 a 32 anos – 0% 33 a 64 anos – 68.1% 65 a 80 anos – 29.8% 81 a 90 anos – 2.1% Faixa etária = meia idade

17		<p>1 – 0% 2 – 2.8% 3 – 30.6% 4 – 25% 5 – 30.6% 6 – 11.1% 7 – 0% Média = 4.16</p>	<p>Menor de 18 anos – 0% 18 a 24 anos – 0% 25 a 32 anos – 0% 33 a 64 anos – 25% 65 a 80 anos – 75% 81 a 90 anos – 0%</p> <p>Faixa etária = idoso</p>
18		<p>1 – 13.9% 2 – 16.7% 3 – 38.9% 4 – 19.4% 5 – 11.1% 6 – 0% 7 – 0% Média = 2.97</p>	<p>Menor de 18 anos – 47.2% 18 a 24 anos – 50% 25 a 32 anos – 2.8% 33 a 64 anos – 0% 65 a 80 anos – 0% 81 a 90 anos – 0%</p> <p>Faixa etária = jovem</p>
19		<p>1 – 2.8% 2 – 11.1% 3 – 11.1% 4 – 22.2% 5 – 30.6% 6 – 13.9% 7 – 8.3% Média = 4.41</p>	<p>Menor de 18 anos – 0% 18 a 24 anos – 27.8% 25 a 32 anos – 69.4% 33 a 64 anos – 2.8% 65 a 80 anos – 0% 81 a 90 anos – 0%</p> <p>Faixa etária = jovem</p>
20		<p>1 – 0% 2 – 2.8% 3 – 16.7% 4 – 25% 5 – 16.7% 6 – 30.6% 7 – 8.3% Média = 4.80</p>	<p>Menor de 18 anos – 0% 18 a 24 anos – 0% 25 a 32 anos – 0% 33 a 64 anos – 44.4% 65 a 80 anos – 50% 81 a 90 anos – 5.6%</p> <p>Faixa etária = meia idade</p>

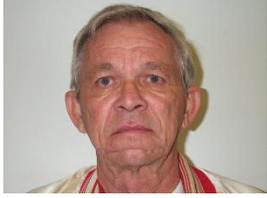
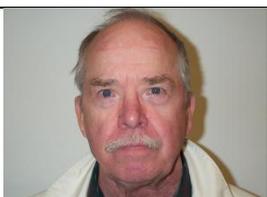
21		<p>1 – 2.8% 2 – 13.9% 3 – 22.2% 4 – 16.7% 5 – 25% 6 – 11.1% 7 – 8.3% Média = 4.13</p>	<p>Menor de 18 anos – 0% 18 a 24 anos – 2.8% 25 a 32 anos – 44.4% 33 a 64 anos – 52.8% 65 a 80 anos – 0% 81 a 90 anos – 0%</p> <p>Faixa etária = meia idade</p>
22		<p>1 – 0% 2 – 5.6% 3 – 13.9% 4 – 13.9% 5 – 25% 6 – 30.6% 7 – 11.1% Média = 4.94</p>	<p>Menor de 18 anos – 0% 18 a 24 anos – 0% 25 a 32 anos – 0% 33 a 64 anos – 8.3% 65 a 80 anos – 75% 81 a 90 anos – 16.7%</p> <p>Faixa etária = idoso</p>
23		<p>1 – 22.2% 2 – 27.8% 3 – 19.4% 4 – 13.9% 5 – 11.1% 6 – 5.6% 7 – 0% Média = 2.80</p>	<p>Menor de 18 anos – 0% 18 a 24 anos – 0% 25 a 32 anos – 0% 33 a 64 anos – 13.9% 65 a 80 anos – 75% 81 a 90 anos – 11.1%</p> <p>Faixa etária = idoso</p>
24		<p>1 – 8.3% 2 – 33.3% 3 – 27.8% 4 – 22.2% 5 – 5.6% 6 – 2.8% 7 – 0% Média = 2.91</p>	<p>Menor de 18 anos – 0% 18 a 24 anos – 50% 25 a 32 anos – 44.4% 33 a 64 anos – 5.6% 65 a 80 anos – 0% 81 a 90 anos – 0%</p> <p>Faixa etária = jovem</p>

25		<p>1 – 5.6% 2 – 16.7% 3 – 19.4% 4 – 25% 5 – 30.6% 6 – 2.8% 7 – 0% Média = 3.66</p>	<p>Menor de 18 anos – 0% 18 a 24 anos – 0% 25 a 32 anos – 0% 33 a 64 anos – 8.3% 65 a 80 anos – 66.7% 81 a 90 anos – 25% Faixa etária = idoso</p>
26		<p>1 – 13.9% 2 – 22.2% 3 – 16.7% 4 – 22.2% 5 – 16.7% 6 – 8.3% 7 – 0% Média = 3.30</p>	<p>Menor de 18 anos – 0% 18 a 24 anos – 0% 25 a 32 anos – 0% 33 a 64 anos – 8.3% 65 a 80 anos – 61.1% 81 a 90 anos – 30.6% Faixa etária = idoso</p>
27		<p>1 – 0% 2 – 8.3% 3 – 13.9% 4 – 19.4% 5 – 25% 6 – 25% 7 – 8.3% Média = 4.69</p>	<p>Menor de 18 anos – 0% 18 a 24 anos – 11.1% 25 a 32 anos – 75% 33 a 64 anos – 13.9% 65 a 80 anos – 0% 81 a 90 anos – 0% Faixa etária = jovem</p>
28		<p>1 – 5.6% 2 – 11.1% 3 – 19.4% 4 – 19.4% 5 – 27.8% 6 – 11.1% 7 – 5.6% Média = 4.08</p>	<p>Menor de 18 anos – 47.2% 18 a 24 anos – 47.2% 25 a 32 anos – 5.6% 33 a 64 anos – 0% 65 a 80 anos – 0% 81 a 90 anos – 0% Faixa etária = jovem</p>

Anexo 3 – Resultados do pré-teste da base de dados de Minear e Park

Identificador	Imagem	Resultados
1		Média de nacionalidade = 5,12 Faixa etária = jovem Aparência = nada bem-parecido
2		Média de nacionalidade = 4,08 Faixa etária = jovem Aparência = relativamente bem-parecido
3		Média de nacionalidade = 4,68 Faixa etária = meia-idade Aparência = relativamente bem-parecido
4		Média de nacionalidade = 4,36 Faixa etária = meia-idade Aparência = nada bem-parecido
5		Média de nacionalidade = 2,00 Faixa etária = jovem Aparência = nada bem-parecido
6		Média de nacionalidade = 3,84 Faixa etária = idoso Aparência = relativamente bem-parecido
7		Média de nacionalidade = 5,24 Faixa etária = idoso Aparência = relativamente bem-parecido

8		Média de nacionalidade = 3,68 Faixa etária = idoso Aparência = relativamente bem-parecido
9		Média de nacionalidade = 3,76 Faixa etária = idoso Aparência = relativamente bem-parecido
10		Média de nacionalidade = 4,44 Faixa etária = idoso Aparência = relativamente bem-parecido
11		Média de nacionalidade = 3,88 Faixa etária = meia-idade Aparência = relativamente bem-parecido
12		Média de nacionalidade = 3,76 Faixa etária = jovem Aparência = nada bem-parecido
13		Média de nacionalidade = 4,16 Faixa etária = meia-idade Aparência = nada bem-parecido
14		Média de nacionalidade = 3,84 Faixa etária = idoso Aparência = nada bem-parecido
15		Média de nacionalidade = 4,32 Faixa etária = jovem Aparência = relativamente bem-parecido

16		Média de nacionalidade = 4,08 Faixa etária = jovem Aparência = relativamente bem-parecido
17		Média de nacionalidade = 3,64 Faixa etária = idoso Aparência = relativamente bem-parecido
18		Média de nacionalidade = 4,68 Faixa etária = meia-idade Aparência = nada bem-parecido
19		Média de nacionalidade = 3,96 Faixa etária = meia-idade Aparência = relativamente bem-parecido
20		Média de nacionalidade = 3,60 Faixa etária = idoso Aparência = relativamente bem-parecido
21		Média de nacionalidade = 3,96 Faixa etária = meia-idade Aparência = relativamente bem-parecido
22		Média de nacionalidade = 4,20 Faixa etária = meia-idade Aparência = relativamente bem-parecido
23		Média de nacionalidade = 3,28 Faixa etária = idoso Aparência = nada bem-parecido

24		Média de nacionalidade = 4,08 Faixa etária = jovem Aparência = nada bem-parecido
25		Média de nacionalidade = 4,68 Faixa etária = jovem Aparência = relativamente bem-parecido
26		Média de nacionalidade = 4,28 Faixa etária = jovem Aparência = relativamente bem-parecido
27		Média de nacionalidade = 3,68 Faixa etária = jovem Aparência = nada bem-parecido
28		Média de nacionalidade = 4,04 Faixa etária = jovem Aparência = nada bem-parecido
29		Média de nacionalidade = 2,88 Faixa etária = meia-idade Aparência = nada bem-parecido
30		Média de nacionalidade = 4,08 Faixa etária = idoso Aparência = relativamente bem-parecido

Anexo 4 – Modelo de consentimento informado

Universidade de Lisboa | Mestrado em Ciência Cognitiva



Termo de consentimento informado

Objetivos do estudo: O estudo está integrado no mestrado em Ciência Cognitiva e está focado na formação de impressões.

Condições do estudo: A duração prevista do estudo é de 10 minutos.

Participação: A participação no estudo é de carácter voluntário. Existe a possibilidade de negar a participação ou de desistir da participação em qualquer momento, se o participante assim o desejar.

Confidencialidade: De acordo com as normas da Comissão de Protecção de Dados, os dados recolhidos são anónimos e a sua eventual publicação só poderá ter lugar em Revistas da especialidade e/ou ambiente académico.

Declaro que tomei conhecimento acerca do propósito e do conteúdo do estudo e que aceito participar no mesmo.

___/___/_____
